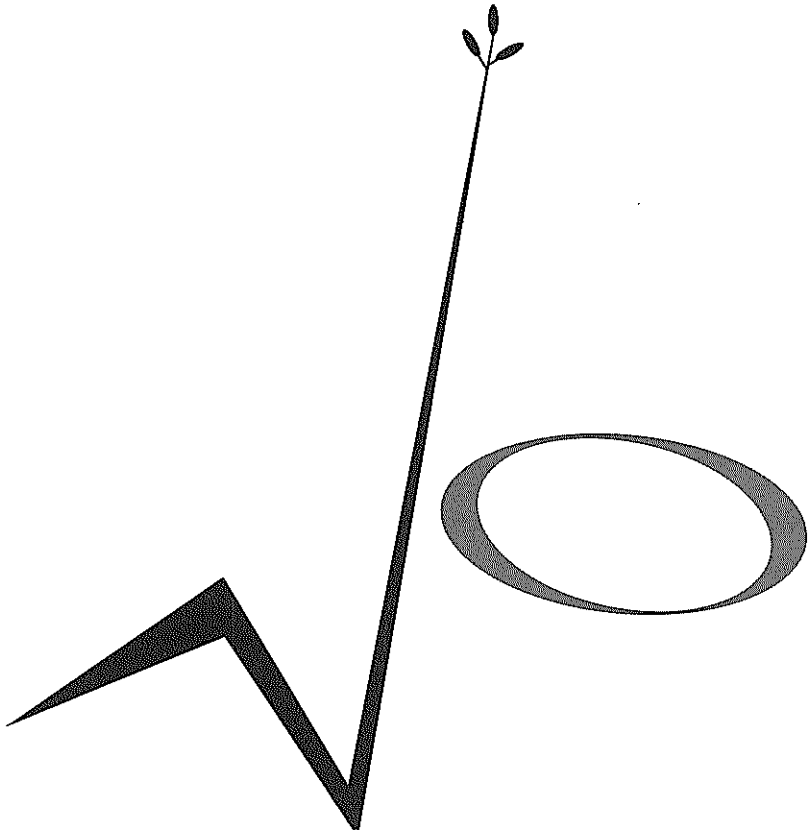


PADRES CATÓLICOS

NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Diác. Carlos Pinto (sub-director)
David Palatino
Diogo Correia
Hugo Gomes
Hugo Gonçalves
Miguel Pereira
Nuno Rosário Fernandes
Samuel Costa

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

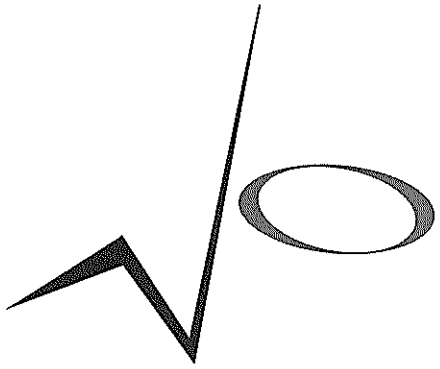
DEPÓSITO LEGAL: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

PREÇO
€ 5

Capa: - *Foto de Cónego João Marcos*



SUMÁRIO

EDITORIAL 7
HUGO GONÇALVES

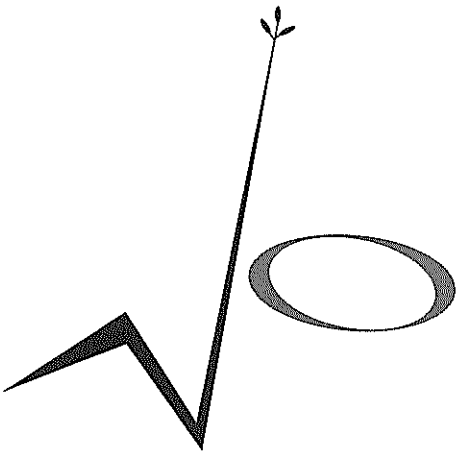
ISTO DE SER CATÓLICO..! 11
MARIA MANUELA DE CARVALHO

PADRE DIOCESANO E CATOLICIDADE ECLESIAL 25
D. MANUEL CLEMENTE

RETRATO DOS ORDINANDOS 39

ASSEMBLEIA DO PRESBITÉRIO - TESTEMUNHOS 87

CRÓNICA 99
DIOGO CORREIA



EDITORIAL

Hugo Gonçalves

PADRES CATÓLICOS, NUMA IGREJA QUE É CATÓLICA

1. A catolicidade da Igreja

«*Ao novo povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos*»[1].

O Vaticano II soube explicitar muito bem o lugar da Igreja no mundo e na vida dos homens. É sobre isto que queremos reflectir quando damos a este número da *Novellae Olivarum* o título *Padres Católicos*.

[1] LG, 13.

Importa que primeiro nos demoremos a explicitar o sentido da expressão "Igreja Católica". O Novo Testamento não usa esta expressão para se referir à Igreja, mas não foi preciso deixar passar muito tempo para a vermos aparecer na obra de Santo Inácio de Antioquia (110 d.C), onde chama "católica" à Igreja Universal, querendo distingui-la das igrejas locais reunidas em torno dos seus bispos.

É preciso referir que o uso desta qualificação não foi sempre unívoco. Se nuns casos queria significar "Igreja Universal", há outros em que não se pensa apenas na Igreja num sentido de totalidade, mas se alarga o sentido a uma conotação de "verdade", "autenticidade" e "plenitude". É já no séc. III que, na argumentação apologética contra as seitas heréticas, se desenvolve o sentido de Igreja Católica, como a Igreja "verdadeira", "ortodoxa". Assim, a Igreja Católica é a verdadeira Igreja, na sua totalidade como garantia e detentora da verdadeira fé, quer se trate da Igreja Universal, quer das igrejas locais a ela unidas. A este sentido, Vicente de Lérins vai acrescentar o sentido da permanência na verdadeira fé. Católico é o que é acreditado em toda a parte, sempre e por todos, sublinhando a importância da Tradição e da continuidade da fé, transmitida através da Igreja aos homens de todos os tempos.

Por fim, diz-nos o *Catecismo da Igreja Católica* que «a palavra "católico" significa "universal" no sentido de "segundo a totalidade" ou "segundo a integridade"»[2]. De acordo com esta afirmação podemos encontrar dois sentidos para a catolicidade da Igreja. O primeiro tem a ver com o facto de, nela, Cristo estar plenamente presente, assegurando que dispõe da plenitude

[2] CIC, 830.

dos meios de salvação (confissão da fé, vida sacramental e sucessão apostólica). O segundo sentido aponta para a Igreja como enviada à totalidade, à universalidade da humanidade.

A catolicidade da Igreja tem o seu fundamento, antes de mais, no seio da Santíssima Trindade. De facto, o plano salvífico de Deus uno e trino é universal. Em Jesus Cristo, e na Sua radical obediência ao Pai, Deus quis vir ao encontro da humanidade escravizada pelo pecado, para lhe oferecer a possibilidade de corresponder ao plano de salvação de Deus. Essa vontade salvífica de Deus, destinada a todos os homens e realizada em Jesus Cristo continua presente e actuante no mundo através da Igreja, animada pelo Espírito Santo, fonte da unidade e da diversidade. Quer isto dizer que, na acção do Espírito Santo, **a catolicidade realiza-se pelo caminho de uma comunhão que acolhe os frutos da pluralidade e da diversidade real das pessoas, com as suas culturas, histórias e desafios próprios, implicando-os com a iniciativa gratuita e livre de Deus que a todos chama, de acordo com a situação concreta em que se encontram.**

Diz-nos o Concílio Vaticano II que «todos os homens são chamados à unidade católica do povo de Deus»[3], independentemente da raça ou credo que professam. Deus, na Sua graça, chama todos os homens à salvação por meio da pertença a esta unidade. Aqueles cristãos que já aceitam a organização da Igreja e os seus meios de salvação, estando a ela unidos, já se encontram plenamente incorporados na Igreja. Mas para que se salvem é preciso que estejam na Igreja de coração e não apenas com o corpo. Aos cristãos que, por alguma razão, ainda não estão plenamente incorporados na Igreja, pelo dom do Baptismo, ela sabe-se a

---

[3] LG, 13.

eles unida, ainda que não perfeitamente.

2. A catolicidade como exigência da missão

Dizer que a Igreja é Católica é, ao mesmo tempo, dizer a dimensão missionária da Igreja já que, sendo enviada por Deus como sacramento universal de salvação, a Igreja vive na exigência do anúncio incansável do Evangelho a todos os homens, conforme o mandato de Jesus Cristo na Ascensão: «Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo»[4].

A missão da Igreja tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo a vontade do Pai e tem como objectivo introduzir a humanidade inteira na comunhão de amor existente entre o Pai e o Filho, no Espírito Santo. É deste amor derramado por Deus que a Igreja se nutre e é nele que funda o seu ardor missionário. É, de facto, o amor de Cristo que nos impele[5] a anunciarmos o desejo que Deus tem de que todos os homens sejam salvos e alcancem o conhecimento da verdade. Mas, como conhecerão a verdade se a Igreja, a quem a verdade foi confiada, não a anunciar? A missão da Igreja funda-se na fé do desígnio da salvação de Deus para todos os homens. É, por isso, chamada a dar testemunho dessa verdade, seguindo os mesmos passos apontados pelo próprio Cristo, como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, «pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesma até à morte – morte da qual Ele [Jesus] saiu vitorioso

[4] Mt 28, 19-20.

[5] Cf. 2Cor 5, 14.

pela ressurreição»[6]. Foi a certeza do poder do testemunho que levou Tertuliano a dizer, na sua obra *Apologético*, que «o sangue dos mártires é semente de cristãos». Embora chamada a anunciar uma realidade sobrenatural, pela natureza da sua missão, «a Igreja faz a caminhada de toda a humanidade e partilha a sorte terrena do mundo. Ela é como que o fermento e, por assim dizer, a alma da sociedade humana, chamada a ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus»[7].

Este número da *Novellae Olivarum* vem a público precisamente no momento em que convergem dois grandes acontecimentos: a proximidade do final do Ano Paulino e as ordenações presbiterais. Pensar em Paulo é pensar imediatamente no seu ardor missionário e no papel importantíssimo que teve no anúncio do Evangelho entre os gentios. Pedro é o Apóstolo ao qual o Senhor Jesus confiou a Sua Igreja, tornando-o garantia de unidade e fidelidade à fé que lhe foi confiada. Não é por acaso que Pedro e Paulo, como duas colunas da Igreja, são celebrados na mesma data desde o século III.

3. Padres católicos

Como podemos entender, neste contexto, a identidade do presbítero, nesta Igreja Católica que é chamado a servir? Diz-nos o *Catecismo* que o presbítero é cooperador do bispo no desempenho da missão que lhe foi confiada por Cristo, sumo e eterno sacerdote, à imagem do qual foi consagrado, com a missão de anunciar o Evangelho, ser pastor do rebanho e celebrar a liturgia como verdadeiro sacerdote do Novo Testamento. No que

---

[6] CIC 2044.

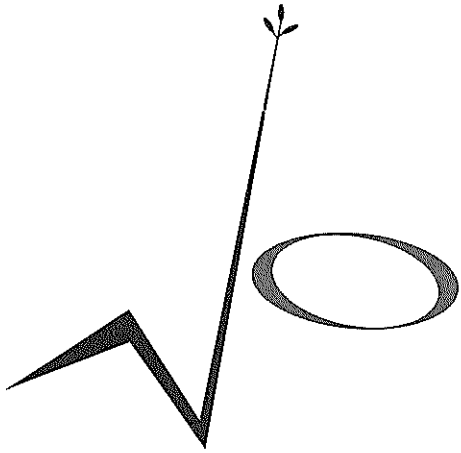
[7] GS 40.

[8] CIC 1565.

respeita à missão dos presbíteros, «o dom que receberam da ordenação prepara-os, não para uma missão limitada e restrita, mas para uma dimensão universal»[8] que os leva a dilatarem o coração à solicitude por todos os povos da terra, por todos os homens que ainda não conhecem o Evangelho, qualquer que seja a sua raça ou situação de vida.

Evocando uma afirmação de São João Crisóstomo, que pode muito bem concluir esta apresentação do presente número da nossa revista, sublinho o papel singular do padre na Igreja, como enviado do bispo a levar a sua solicitude pastoral a todos os que lhe são confiados, na certeza de que naqueles que o Senhor lhe dá, está o próprio Senhor a quem é chamado a servir: «O Senhor disse claramente que o cuidado dispensado ao seu rebanho seria uma prova de amor para com Ele».





ISTO DE SER CATÓLICO...!

Maria Manuela de Carvalho

INTRODUÇÃO

Católico significa totalidade e universalidade.

O nosso tempo, porém, fala de católico etiquetado de romano, e fala de ecumenismo, não como uma qualidade de ser católico, mas como um sincretismo, comparável, por vezes, ao da Roma pré-cristã.

Há, nesta perspectiva, uma visão do mundo num plano horizontal quantitativo, onde a eficácia está na parte, no partido, e não no todo presente e actuante em cada fragmento, na possibilidade de participar num sujeito global eclesial.

"*Que todos sejam um como eu e o Pai somos um*" será ouvido como a presença unificante de Deus em toda a humanidade redimida por Cristo?

A catolicidade da Igreja está intimamente ligada à unidade, apostolicidade e santidade, como suas notas características; e é o Espírito de Deus – o Espírito Santo – que opera nela, enchendo-a da plenitude (da catolicidade), que Deus é, da santidade dada em partilha aos discípulos do amor, que o vivem e anunciam com fé e esperança, numa apostolicidade acolhida e vivida.

Tudo nasce de Deus e do seu amor universal – Deus é católico; Jesus Cristo anuncia-o aos homens pecadores, e dá a vida por eles. Chama discípulos a segui-lo, acolhendo o Espírito Santo, que o une ao Pai num "nós" pessoal. E o Corpo unido, que recebe de Deus o dom da vida nele, chama-se Igreja una, apostólica, católica e santa.

A catolicidade da Igreja tem, portanto, um conteúdo que ultrapassa, em muito, a simples identificação com a geográfica etiqueta romana. É um dom e uma exigência de vida em Deus, de santidade, de confissão de fé e de construção do mundo com os sinais do Reino, da sua plenitude, da sua catolicidade.

A unidade em Deus é catolicidade

Só a partir de Deus pode a comunidade dos crentes encontrar um ponto de referência para se definir a si própria como una e católica, como comunidade que nasce do Mistério da unidade que emana de Deus Uno e Trino, da comunhão à qual Deus chama os homens na vida plena da eternidade divina.

A unidade em Deus é o primeiro princípio da unidade e catolicidade da Igreja, porque essa unidade e catolicidade se tornam visíveis na pessoa de Jesus Cristo. Mas tornaram-se visíveis pela acção do Espírito que procede do Pai e do Filho, e que santifica a humanidade de Jesus desde a sua concepção.

Em Lc 1, 35, lemos: *"O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; eis porque Aquele que nascerá santo será chamado Filho de Deus"*[1]. Noutro texto lucano dir-se-à: *"Esse Jesus, saído de Nazaré, vós sabeis como Deus lhe conferiu a unção do Espírito Santo e de poder; passou por toda a parte fazendo o bem, curava todos aqueles que o diabo sujeitara, porque Deus estava com Ele"* (Act, 10, 38), texto que deve ler-se em conexão com Lc 4, 18-21.

É também o Espírito Santo (Espírito de santidade, no semitismo Paulino), que *"o estabelece Filho de Deus com poder pela sua Ressurreição de entre os mortos"*.

Cristo revela o Outro – o Pai – que é maior do que Ele e que com Ele é um; revela-o com autoridade divina, mas como servo que não faz aparecer mais do que a obra do Pai: *"Quem me vê, vê o Pai"* (Jo 14, 8).

A Eucaristia do Filho é acto Trinitário – é amor comum pelo mundo. É dom que dota o mundo com a liberdade de se deixar incorporar na plenitude oferecida. Dá aos homens, que dizem "eu", a possibilidade de dizerem "nós" na incorporação no todo.

Perguntemos, porém: Quando Cristo clama na cruz: *"Tudo está consumado"* (Jo 19, 30) enunciará um paradoxo confirmado pelas lutas entre

---

[1] Acerca de "nascer santo" ou "o santo que vai nascer", ver explicações em M. M. de CARVALHO, *Maria Figura da Graça*, UCP, Lisboa 2004, 120.

seres livres, pelas reivindicações particulares, ou enunciará, antes, uma superação de todo o contra sentido que permanecerá na história humana?

"*Cristo foi feito pecado por nós*" (2 Cor 5, 21) escreve S. Paulo, mas acrescenta: "*completo em meu corpo o que falta ás tribulações de Cristo*" (Cl 1, 24); "*Com Cristo estou crucificado*"[...] "*levo no meu corpo os sinais de Cristo*" (Gl 2,19 [...] 6, 17). É que a realidade católica da cruz de Cristo é omnicompreensível no seguimento dos seus discípulos.

A cruz é católica, porque permite entrar no espaço de plenitude e interioridade, enquanto acontecimento de graça. A cruz é a libertação dos limites do pecado e do particularismo inerentes à natureza, e é entrada no espaço onde o discípulo se pode dar pessoalmente ao Todo a partir do Espírito Pessoal do Todo, o Espírito Santo.

É aqui que aparece a Igreja.

A Igreja é una

O Espírito Santo é prometido aos Apóstolos. Segundo S.João, numa das aparições de Cristo Ressuscitado, "*soprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados. Àqueles a quem os retiverdes serão retidos*" (Jo 20, 22-23). O Espírito é-lhes, depois, enviado na manhã de Pentecostes, quando os Apóstolos reunidos oravam com Maria, a mãe de Jesus.

O Espírito desce sobre os Apóstolos reunidos na fé em Jesus Cristo, formando um corpo unido, e confirma-os como proclamadores da Boa Nova

da salvação. E aqueles que crêem são inseridos pelo Espírito nesse Corpo. S. Paulo diz aos Coríntios 12, 13: "*Fomos baptizados num só Espírito para sermos um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou homens livres e fomos repletos de um só Espírito*".

Transcendente à Igreja, como Espírito de Deus, o Espírito é a alma desta, isto é, enche-a com os dons de graça, que são os que conduzem o homem a uma unidade interior e, correlativamente, a uma unidade com os outros no amor.

Como se exprime a unidade da Igreja?

S. Lucas, em Act 2, 42, refere três elementos estruturais de uma vivência dos cristãos em unidade: "*Eles eram assíduos ao ensino dos Apóstolos e à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações*", e acrescenta, em Act 4, 32: "*A multidão daqueles que se tinham tornado crentes era um só coração e uma só alma, e ninguém considerava como sua propriedade qualquer um dos seus bens; pelo contrário, punha tudo em comum*".

Há a aceitação do ensino apostólico, graças ao qual há uma unanimidade de fé e de confissão de fé, que S.Paulo também exige em 1 Cor 1, 10; Rm 15, 16; Ef 4, 14s.

A fé é a realidade sobre a qual se realiza a Aliança de Deus com os homens: o encontro, o intercâmbio de fidelidade. A fé é, por parte de Deus, o acto pelo qual Ele se comunica, revelando-nos algo de si e do que quer ser para nós. Mas não é uma comunicação académica. Deus dá-se-nos como um sujeito activo que atrai e eleva os que aceitam a sua acção sobrenatural.

A revelação de Deus é pública: foi-o no seu Filho Encarnado, e é pelo seu Espírito dada à comunidade por ministros chamados e encarregados de

uma missão (profetas, apóstolos, redactores da Sagrada Escritura, membros do Magistério). A fé é comunicada por órgãos de mediação: de valor normativo absoluto na Escritura, porquanto inspirada; e de valor interpretativo e vivencial na tradição e pregação vivas da Igreja. Deus suscita um corpo de testemunho escrito e uma missão acreditada pelo Espírito, que correspondem à universalidade da missão dos apóstolos e dos seus sucessores, na unidade da doutrina, que é princípio de fé, como recomenda S. Paulo: "*Que não haja divisões entre vós: permanecei unidos no mesmo Espírito e no mesmo pensamento*" (1Cor 1, 10).

Há unidade no culto e nos sacramentos.

A fé situa-nos face a Deus numa relação de culto, que é uma profissão de fé. O centro do culto é sempre Cristo salvador no seu Mistério Pascal, que é a visibilidade histórica da acção salvífica de Deus – o sacramento da salvação presente na vida dos homens, nos momentos charneira dessa mesma vida. Com um lugar particular, a Eucaristia é o sacramento da unidade que alimenta o cristão, assimilando-o na unidade obediencial de Cristo ao Pai no Espírito de amor. Escreve Santo Agostinho estas palavras pondo-as na boca de Jesus: "*Não és tu que me mudarás em ti, como o alimento do teu corpo; sou eu quem te mudará em mim*"[2].

Santo Agostinho explica a união do homem a Cristo, fonte de união dos homens entre si, segundo a expressão de S. Paulo: "*Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto participarmos todos do único pão*" (1 Cor 10, 17).

A caridade eucarística é a fonte do terceiro elemento do escrito lucano: a unidade da vida social orientada e governada pela caridade

2 AGOSTINHO, *Confissões VII, 10.*

Governada pela caridade – o amor divino infundido nos corações – a vida social não se organiza para um bem comum a partir de um chefe. A actuação divina é uma animação interior da comunidade na qual Deus é vivo e sujeito de amor, que dá à igreja identificada com Cristo, o servo sofredor e redentor de quem é corpo, a capacidade de serviço, de comunicação e de vida: de comunhão.

Há também unidade na realização da história.

Escreve S. João: "*É o Espírito que vos guiará para a verdade total*" (Jo 16, 13). E guia, porque comunicará o que receber do Pai e do Filho: do Pai, a quem pertence o plano de salvação; do Filho, que se tornou centro da história. Procedendo do Pai e do Filho, o Espírito desvela no mundo a profundidade do plano salvífico definitivo (escatológico) tornado histórico em Cristo e na sua Igreja, que é, em cada tempo, para o mundo – mistério de salvação.

O mesmo é dizer que o Espírito de Deus suscita continuamente na Igreja o ritmo central da vida do Salvador, como o elemento mais dinâmico da história: a presença ao mundo em morte e ressurreição. O mesmo é dizer que o cristão na Igreja constrói a história como sinal salvífico no mundo, se é verdade que o mistério da cruz e ressurreição é o mistério central da sua liberdade.

O Espírito convida a Igreja a colocar-se no seguimento do Senhor, sob a sua lei de amor, na resposta livre de fazer história com os sinais do amor salvífico, que são convite à unidade do género humano. Este convite do Espírito feito ao coração da Igreja faz dela, no dizer da *Lúmen Gentium 1, 9*: "*para todo o género humano, um gérmen seguríssimo de unidade, de esperança e de salvação*".

A unidade na realização da história é, assim, uma realização do Espírito na Igreja, mas com uma projecção que a ultrapassa, que visa todo o género humano.

A Igreja é o sinal pobre, da pobreza do servo sofredor, e humilde, porque tudo acolhe de Deus, da unidade projectada pelo Pai (projecto ao qual se opôs a dispersão do homem fechado sobre si), mas conseguida em Cristo, na sua unidade obediencial ao plano do Pai, e actualizada no Espírito de amor que proclama a paz de Deus nas convulsões do mundo.

Há, finalmente, a unidade na comunhão no Espírito.

Comungar no Espírito é ser tomado no próprio dar-se de Deus, na graça divina, num *fiat* (sim) da criatura. A Igreja acontece na história por um *fiat*, na mais profunda comunhão de amor: o amor redimido e imaculado da cheia de graça: de Maria de Nazaré.

A sua resposta a Deus que a escolhe, é responsável e livre; é um acolhimento total da graça divina. E o Espírito cobriu-a com a sua sombra, e o Verbo fez-se carne, e a redenção foi histórica; e a Igreja nasceu desta comunhão, tendo em Maria o sinal vivo da unidade.

A Igreja é católica

A unidade da igreja foi consciencializada pelos cristãos disseminados pelo mundo: comungavam na mesma fé; partiam o mesmo pão. A unidade é, por vocação, de extensão qualitativa universal; é um abraçar tudo sem deixar nada de fora[3].

[3] Cf. H.U. von BALTHASAR, *Católico. Aspectos do misterio*, Madrid 1988, 9ss.

É sacramento de amor salvífico. Por isso, não um fenómeno de extensão física, mas de extensão sacramental.

A Igreja só é católica, porque Deus é católico, e porque a sua catolicidade – universalidade de amor salvífico – se revela e se dá ao mundo no seu Espírito que nos permite viver da plenitude divina. É uma catolicidade vertical e horizontal, tal como o é a cruz de Cristo. Vertical, porque une Deus e a humanidade; horizontal, porque gera o "nós" da comunidade crente, que aceita ser sacramento de salvação, ser sal da terra e luz do mundo.

Ser Igreja de Jesus Cristo é deixar Deus tomar a direcção da história, e segui-la radicalmente. É o contrário de seguir o espírito do tempo, que considera os problemas humanos de um ponto de vista acomodatício, sem procurar o sentido profundo, realista e interior da acção de Deus no mundo, de Deus que cobre com a sua sombra a virgindade de Maria como símbolo ou, mais propriamente, como sacramento da abertura fecunda da humanidade a Deus.

A catolicidade da Igreja passa por esta dimensão sacramental que, entre secularizar ou divinizar o mundo conhece uma terceira via: a de ser sinal interpelante para o mundo do seu sentido profundo, daquele que diz respeito à sua finalidade e à sua felicidade, sinal que lhe é dado pela realeza de Cristo Senhor, Cabeça e plenitude da Igreja, como escreve S. Paulo: "*Porque aprouve a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e reconciliar por ele todas as coisas na terra e nos céus, pacificando-as pelo sangue de Jesus*" (Cl 1, 19s).

É acção do Espírito levar a bom termo esta obra, atraindo os homens e o mundo para a comunhão.

E, assim, a Igreja católica é ecuménica.

O Concílio Vaticano II escreveu sobre o ecumenismo: "*As divisões entre os cristãos impedem a Igreja de realizar a plenitude de catolicidade, que lhe é própria, naqueles filhos que, embora incorporados pelo baptismo, estão separados da sua plena comunhão. E até para a própria Igreja se torna difícil exprimir na realidade da vida e sob todos os aspectos a sua plena catolicidade*"[4].

A catolicidade mantém-se na Igreja como dom, mas a sua realização é afectada pela desunião. A Igreja não é uma entre outras; porque sacramento de salvação, é ecuménica, sendo o seu ecumenismo um apelo constante à auto conversão, à perseverança de coração na caridade, ao acolhimento da graça divina[5].

A catolicidade é apostólica

A missão é um constitutivo essencial da catolicidade. Assumida por Cristo, o servo de Deus enviado ao seu povo (Is 49, 6) e depois ás nações, constitui o remate de toda a Boa Nova: "*Foi-me dado o poder no céu e na terra. Ide, pois, ensinai todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei. E eis que estou convosco até ao fim do mundo*" (Mt 28, 18ss).

A tarefa, a autoridade e o poder são transmitidos por Cristo aos Apóstolos, ao enviá-los a todas as nações e ao estar com eles até ao fim dos séculos.

Ser enviado não é simplesmente percorrer o mundo até ao último homem que não conhece a salvação cristã. É assumir a missão do servo de

[4] VATICANO II, *Decreto sobre o ecumenismo* 4, 10.

[5] Cf. Id. *Lumen Gentium* 14.

)eus que é, simultaneamente, grande anunciador da mensagem divina e ;rande intercessor, aquele que sofre por todos.

O destino eclesial de ser católica é o de se deixar despojar. Através da iistória ela apresenta-se irreconhecível na sua beleza, como um esqueleto uja carne viva foi partilhada por confissões e seitas. A sua aparência ociológica só pode ser desmentida quando os seus santos demonstrarem, no nodo como vivem, o valor relativo da diáspora, e os seus teólogos o)roclamarem em profunda unidade com os primeiros.

A missão da Igreja é, sobretudo, um fermento de amor salvífico que ctualiza a Páscoa de Cristo na sua profundidade redentora.

A catolicidade é santa

A Igreja vive da santidade daquele de quem tudo recebe na alteridade .e pertença que faz dela Corpo de Cristo. Vive nos esponsais que a fazem izer com o Espírito: "*Vem, Senhor – Marana tha!*" (Apoc 22, 17).

O seu fim é a santidade de Deus Santo, santidade já presente na riação do mundo e dos homens para serem seus parceiros na Aliança.

A Igreja é santa, sendo, embora, pecadora.

A Igreja peregrina é uma Igreja de santos e pecadores, uma "*casta ;:retrix*", como lhe chamam escritores antigos como Clemente Romano, S. ustino, Stº Ireneu[6] ou Orígenes. Estes dois últimos utilizam o nome da ecadora de Jericó – Rahab, nome que significa espaço, para explicarem que

IRENEU, *Contra os hereges* IV, 20.

este espaço é a Igreja. Escreve Orígenes: "*Eis que é esta mulher chamada «espaço» que recebe os enviados de Jesus. [...] Logo, quem quer ser salvo venha a casa da velha prostituta. Ninguém se engane, nem se iluda: fora daquela casa, que é a Igreja, não há salvação. Quem a deixa é responsável pela sua morte*"[7].

Na Igreja vive-se, porém, em comunhão de santos. É uma comunhão de santos e, nela, exprime vivamente a sua catolicidade. O pecado só é próprio da Igreja como "espaço" de conversão. O mal não faz parte do Corpo de Cristo, pois a verdadeira Igreja é esta na qual o pecado é a marca da fraqueza humana a converter. Os maus, diz santo Agostinho, estão na Igreja no número, na aparência, na convivência, mas não no mérito, na virtude, nem no vínculo do coração.

A comunhão dos santos enraíza-se na Comunhão Eucarística, momento fundamental da comunhão na caridade, no amor com o qual Deus Trino ama os homens. A comunhão dos santos ultrapassa as fronteiras do espaço e do tempo e, como já referia Santo Agostinho, estende-se do justo Abel aos santos canonizados ou ignorados.

A caridade humilde e apagada é uma demonstração da catolicidade santa da Igreja, que não nasce da sabedoria humana, mas do poder do amor divino.

Escreve Malcolm Muggeridge, acerca da Madre Teresa de Calcutá "*Basta mostrar nos ecrãs a clareza de um rosto transbordante de caridade, alguém para quem o mundo é nada, Cristo tudo, alguém que deixou a escravatura do eu e da carne para renascer na liberdade dos filhos de Deus [...] sim podemos espantar-nos de que uma religiosa*

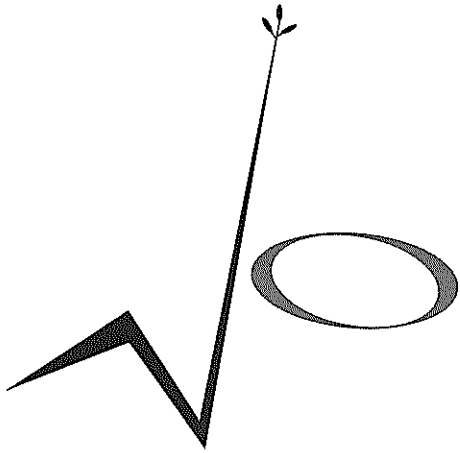
[7] ORIGENES, *Homilias sobre Josué, III, 4.*

lesconhecida, albanesa de origem e que tinha medo – isso via-se – diante das câmaras, com a sua dicção hesitante, tocasse os telespectadores ingleses, num domingo à tarde!"[8].

Os santos revelam, em cada tempo, a catolicidade santa e apostólica da greja.

Isto de ser católico... é desafio de santidade, mas é encontro de real elicidade. 

[8] M. MUGGERIDGE, *Mère Thérèse de Calcutá*, Paris 1973, 25s.



PADRE DIOCESANO E CATOLICIDADE ECLESIAL

(Releitura de textos em vias de cumprimento...)

D. Manuel Clemente

1. Um pedido da *Novellae Olivarum* fez-me reler alguns textos do Magistério que especialmente me alertaram para a dimensão universal do sacerdócio ministerial. É essa releitura breve que partilho aqui, agradecendo a oportunidade que o pedido me proporcionou. Nunca é demais reflectir sobre este ponto.

Nos tempos que correm é até urgente. De facto, são tantas as dificuldades para assegurar a acção pastoral nalgumas Dioceses portuguesas, pela grande escassez de padres e outros colaboradores habilitados, que a tendência é para fechar o horizonte ao pequeno tamanho da necessidade imediata. O mesmo se diga da nossa Europa em geral, o único Continente que parece não acompanhar agora o crescimento geral do Catolicismo no mundo, em especial no que ao sacerdócio e à vida religiosa respeita.

A releitura que aqui apresento, do Vaticano II a dez anos atrás, diz-nos, bem pelo contrário, que a interdependência dinâmica entre particular e universal, comunidade situada e envolvimento missionário, é intrínseca e absoluta. Assim como na vida pessoal ninguém cresce nem se mantém quando se fecha em si mesmo e nos seus problemas, também na vida eclesial não se resolverão as dificuldades da acção pastoral corrente e próxima se não se abrirem as comunidades ao universo amplo da Igreja e da missão.

2. O primeiro trecho que proponho é do Concílio Vaticano II, bem dentro do espírito que animou aquele decisivo momento da vida da Igreja, reafirmando-se a si mesma na relação com o mundo, pela leitura dos "sinais dos tempos":

> "O dom espiritual, que os presbíteros receberam na ordenação, não os prepara para uma missão de algum modo limitada e restrita, mas para a amplíssima e universal missão de salvação até aos confins do mundo (*Act* 1, 8). Com efeito, todo o ministério sacerdotal participa da própria amplitude universal da missão confiada por Cristo aos Apóstolos, porquanto o

> sacerdócio de Cristo, de que os presbíteros se tornaram verdadeiramente participantes, destina-se necessariamente a todos os povos e a todos os tempos, e não é restringido por qualquer limite de sangue, de nação e de idade [...]. Lembrem-se, por isso, os sacerdotes de que devem tomar a peito a solicitude de todas as Igrejas. Portanto, os presbíteros daquela diocese que tiver maior abundância de vocações, mostrem-se de boa vontade dispostos para, com autorização ou a pedido do Bispo próprio, exercerem o seu múnus nas regiões, missões ou obras que lutam com penúria de clero" (Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 7 de Dezembro de 1965, nº 10).

Quer o Concílio dizer-nos que não há identidade presbiteral que não seja a de Cristo e da sua missão, como ele a confiou aos Apóstolos. É, por isso mesmo, uma missão universal e absolutamente avessa a qualquer reducionismo étnico ou localista. Exerce-se naturalmente num âmbito próprio e geralmente diocesano, com entrega inteira e fidelidade persistente, Mas aí mesmo traduz e transporta um impulso missionário e evangelizador que o transcende.

Conhecemos nas Dioceses portuguesas vários e excelentes casos de padres "estrangeiros" que se tornaram absolutamente "nossos" pela sua grande dedicação pastoral. Foram e são – aliás crescentemente – expressão concreta da universalidade da missão e do presbiterado. São-no igualmente os sacerdotes portugueses, religiosos e seculares, que servem a Igreja noutras partes o mundo. Mas não se inserem menos neste dinamismo do Espírito

aquelas paróquias e comunidades onde continuamente se lembra a vida da Igreja pelo mundo fora, se reza pelas missões *ad gentes* e pela "nova evangelização" mais próxima; onde, quando possível, padres e leigos participam por algum tempo em acções missionárias, perto ou longe.

A lei da evangelização é sempre a mesma, atestada em toda e Sagrada Escritura, do pouco para o muito, como a semente, o fermento e a entrega da última moeda. Como lembrou João Paulo II, a 7 de Dezembro de 1990, na encíclica *Redemptoris Missio*, nº1, e tanto para a missão *ad gentes* como para a nova evangelização dos países de antiga e esquecida tradição cristã, em dinamismo recíproco: "Na História da Igreja, com efeito, o impulso missionário sempre foi sinal de vitalidade, tal como a sua diminuição constitui sinal de crise de fé. [...] De facto, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos há-de encontrar também inspiração e apoio no empenho pela missão universal". E cabe referir que, na primeira parte deste trecho, João Paulo II cita um luminoso passo da *Mensagem* de Paulo VI para o Dia Mundial das Missões de 1972: "As tensões internas, que debilitam e laceram algumas Igrejas e instituições locais, desapareceriam perante a firme convicção de que a salvação das comunidades locais se conquista pela cooperação na obra missionária, a fim de que esta se estenda até aos confins da terra".

3. Parece-me igualmente esclarecedor o seguinte texto de João Paulo II, subsequente a um Sínodo dos Bispos muito importante e oportuno. Todos os que lidávamos com a formação sacerdotal entre os anos oitenta e noventa,

tomámos este documento como água em boca seca, tais eram as interrogações que se levantavam sobre critérios e tónicas da preparação e da formação contínua de seminaristas e padres. Designadamente, sobre o ponto específico do carácter universal do presbiterado:

> "O ministério do presbítero [...] ordena-se não apenas para a Igreja particular, mas também para a Igreja universal [...]. Mediante o sacerdócio do Bispo, o sacerdócio da segunda ordem incorpora-se na estrutura apostólica da Igreja. Desta forma, o presbítero, como os Apóstolos, exerce funções de embaixador de Cristo (cf. *2 Cor* 5, 20). Nisto se fundamenta a índole missionária de todos e cada um dos sacerdotes. [...] [O sacerdote é] servidor da Igreja missão, porque faz com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do Evangelho" (João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, 25 de Março de 1992, nº 16).

Creio ser importante unir as duas passagens deste trecho. Assim compreendemos, primeiramente, que a missão do presbítero participa, pelo sacramento da Ordem, do encargo missionário universal, dado por Cristo aos Apóstolos e exercido pelos Bispos. Mas compreenderemos também que o presbítero não o faz por si só, antes com a comunidade que serve e através dela. Evangelho e evangelização são realidades essencialmente comunitárias: da Comunidade divina de que partem – do Pai, por Cristo, no Espírito – à comunidade humana que criam, rumo à sua "divinização" também, expandem-se comunitariamente ou não se expandem autenticamente.

Ainda em "Ano Paulino", cabe aqui recordar como o Apóstolo das Gentes fazia isso mesmo com as comunidades que criava ou alimentava. Por ele estimuladas, eram elas mesmas que se tornavam irradiadoras do Evangelho vivo e convivido. Basta reler o primeiro trecho escrito do Novo Testamento, cheio de impulso comunitário-missionário: "Vós [os tessalonicenses] fizestes-vos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra no meio de muitas tribulações com a alegria do Espírito Santo, a ponto de vos haverdes tornado um modelo para todos os fiéis da Macedónia e da Acaia. Em verdade, partindo de vós, ecoou a palavra do Senhor, não só na Macedónia e na Acaia mas também se propagou a fama da vossa fé em Deus por toda a parte..." (*1 Tes* 1, 6-8).

Na verdade, não é a eventual propensão "missionária" de um ou outro padre que realizará a universalidade do sacerdócio e da missão. È, isso sim, a capacidade que tenham todos, presbíteros e comunidades, de irradiar o Evangelho que os faz viver e conviver como filhos de Deus, desejosos de levar a todos o conhecimento de Cristo. Seja ainda o Novo Testamento e ilustrá-lo, cheio da seiva inaugural que nos transmite: "a vida manifestou-se, nós vimo-la, damos testemunho dela e vos anunciamos esta vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifestada – o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco. Quanto à nossa comunhão, ela é com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemo-vos estas coisas para que a vossa alegria seja completa" (*1 Jo* 1, 2-4). Aqui está a universalidade do anúncio, do ministério e da comunidade: escrita há dois milénios esta carta envolve autor e comunidade no alargamento duma comunhão que tem em Deus a sua origem e a todos há-de chegar, para que "a alegria seja completa", a de Deus e a da humanidade inteira. "Ninguém pode

ser feliz sozinho", antes de ser uma constatação corrente é uma verdade teológica e missionária absoluta.

4. Subjaz a estas considerações uma razão teológica essencial: a Igreja é uma realidade intrinsecamente "católica", universal de raiz e intenção. Tem como fonte e projecção o amor de Deus, qual vontade universal de salvação. A realização da Igreja é também local, porque, na linha da incarnação do Verbo, anuncia e concretiza o Evangelho num espaço visível e viável, como experiência inter-pessoal. Mas realiza aí mesmo, em cada Igreja particular, a sua natureza universal, em comunhão alargada. Se em algum lugar os crentes se fechassem sobre si próprios e reduzissem os horizontes apenas à perspectiva próxima, deixariam de experimentar e manifestar a catolicidade eclesial. Di-lo muito bem este novo trecho, com particular aplicação aos sacerdotes:

> "Pertencer a uma Igreja particular mediante a incardinação não deve fechar o sacerdote numa mentalidade restrita e particularista, mas abri-lo ao serviço de outras Igrejas, porque toda a Igreja é a concretização particular da única Igreja de Jesus Cristo, tanto que a Igreja universal vive e cumpre a sua missão nas e mediante as Igrejas particulares em comunhão efectiva com ela. Todos os sacerdotes, portanto, devem ter um coração e um espírito missionários, abrindo-se às necessidades da Igreja e do mundo" (Congregação para o Clero, *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 31 de Janeiro de 1994, nº 14).

"Um coração e um espírito missionários", é o que se pede a cada sacerdote. Incardinado numa Diocese, aí mesmo activa a comunhão universal da Igreja, porque em tudo o que anuncia a uma porção definida do Povo de Deus ressoa um Evangelho sem fronteiras. Em cada celebração litúrgica lêem-se na língua do lugar palavras que, ditas outrora em hebraico, aramaico ou grego, se traduzem agora em todos os idiomas do mundo.

As mesmas palavras, na globalidade e na circunstância. Repetem-se gestos e sinais que, feitos aqui, exprimem o mesmo além e muito além. Se se tratasse apenas de tradução, traríamos o todo à parte, mais e mais, até à impossibilidade de reconhecimento mútuo. Mas o movimento é também – e sobretudo – inverso, integrando a parte no todo e preenchendo o particular com aquela universalidade de origem e fim que nos garante como católicos e verdadeiros promotores da maior unidade e comunhão do género humano.

E aqui têm lugar imprescindível os presbíteros, que, também eles, traduzem em todos os presbitérios do mundo tanto a variedade cultural como a unidade cultual da Igreja Católica. A incardinação traduz esse duplo aspecto da identidade presbiteral: numa comunidade concreta como sacramento da universalidade eclesial, unido ao Bispo e ao Colégio Apostólico em que Cristo assentou toda a Igreja e a grandeza da missão. O presbítero estará fielmente no seu cargo e ministério concreto e situado; mas nunca será homem "de um lugar", a não ser enquanto o preenche e alarga às necessidades e apelos da Igreja e do mundo inteiros.

5. Outra passagem do mesmo documento oferece dois pontos importantes para a reflexão. Tanto refere a necessária disponibilidade das

Igrejas para partilharem o seu clero, tendo em conta as respectivas possibilidades ou necessidades, como sublinha a concordância disto mesmo com a contemporaneidade em geral:

> "É importante que o presbítero tenha plena consciência e viva profundamente esta realidade missionária do seu sacerdócio, em total sintonia com a Igreja que sente a necessidade de enviar os seus ministros para os lugares onde é mais urgente a sua missão e de empenhar-se em realizar uma mais justa distribuição do clero. [...] É necessário também dizer que a dilatação universal do ministério sacerdotal encontra hoje uma correspondência nas características sócio-culturais do mundo contemporâneo, no qual se sente a exigência de eliminar todas as barreiras que dividem os povos e as nações e que, sobretudo através das comunicações das culturas, quer irmanar os povos, não obstante as distâncias geográficas que os divide. Nunca como hoje, por isso, o clero se deve sentir apostolicamente empenhado a unir todos os homens em Cristo, na sua Igreja" (*Ibidem*, nº 15).

Importa verificar e agradecer o que já acontece neste sentido. Nas Dioceses portuguesas cresce felizmente o número de sacerdotes provenientes de outras Igrejas, especialmente oriundos de países de evangelização mais recente, mas hoje mais fecundos em termos vocacionais. É certo que tal corresponde a carências graves das nossas Dioceses, no que respeita ao número de sacerdotes autóctones. Mas, positivamente, traduz também a disponibilidade de Igrejas da África, Ásia, Américas ou outras partes, em franco crescimento, para "retribuírem" a evangelização que lhes chegou

outrora da Europa, ou para enriquecerem e complementarem, com a sua ajuda sacerdotal e cariz próprio, a nossa vivência aqui. Em Portugal, onde agora residem muitos cristãos provenientes de fora da Europa, que assim reforçam a nota "católica" das nossas comunidades.

Grande ganho e a vários títulos. Especialmente porque, como refere o trecho citado, hoje cada cultura é mais uma inter-cultura, no plano mundial e local (mundial no local). Na escola e na diversão, nas famílias e nos media, não há cidade ou aldeia que não seja cada vez mais tocada e influenciada por temas e sugestões provindos um pouco de todo o mundo. A própria facilidade das deslocações promove tais intercâmbios em termos de presença pessoal. Por tudo isto se admitirá que a entreajuda universal do clero corresponde bem à nova proximidade do mundo e à necessária catolicidade da Igreja. Corresponde e impulsiona, com ganho de todos.

6. A corresponsabilidade missionária e neo-evangelizadora que os presbíteros devem protagonizar aumenta hoje com a grandeza da tarefa, que assim mesmo se caracteriza. É missionária, como sempre foi; é neo-evangelizadora como agora precisa de ser, muito especialmente no Continente europeu. Atendamos a este trecho, a que uma década não tirou urgência:

> "Este urgente esforço missionário desenvolve-se hoje, em larga medida, no contexto da nova evangelização de tantos países de antiga tradição cristã, onde, porém, o sentido cristão da vida parece ter decaído em grande parte. Mas também no âmbito mais

amplo da humanidade inteira, lá onde os homens ainda não tenham ouvido, ou ainda não tenham compreendido bem, o anúncio da salvação trazida por Cristo. [...] Todos os cristãos devem saber-se chamados, por força do seu sacerdócio baptismal, a colaborarem, segundo as suas circunstâncias pessoais, na nova missão evangelizadora, que se configura como uma responsabilidade eclesial comum. [...] Pode dizer-se que, num certo sentido, os presbíteros são os primeiros responsáveis por esta nova evangelização do Terceiro Milénio" (Congregação para o Clero, *O presbítero, mestre da Palavra, ministro dos Sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milénio*, 19 de Março de 1999, nº 1).

Trata-se ainda da missão *ad gentes*, como primeiro anúncio dum Evangelho inaudito. Reconhecendo-se, aliás, que na própria Europa há espaços crescentes para esse tipo de missão, pois são já muitos os que nosso Continente nunca ouviram falar de Cristo, mínima ou correctamente. Quando o trecho diz "lá onde os homens ainda não tenham ouvido, ou ainda não tenham compreendido bem, o anúncio da salvação trazida por Cristo", poderia referir-se a casos de Lisboa, Porto ou alhures, sem sair das nossas fronteiras.

Sabemo-lo bem por experiência pessoal ou de colegas. Mas há, certamente ainda mais, a necessidade da nova evangelização, incidindo aonde a "tradição cristã" já tenha perdido muito do seu vigor e expressão autêntica. É igualmente da experiência pastoral corrente a verificação de como as palavras e gestos perderam conteúdo ou veiculam outros, já muito esvaziados

da substância evangélica. – O que significam hoje os nossos sacramentos, mesmo para muitos que os pedem, do Baptismo à Confirmação, da Eucaristia ao Matrimónio, por exemplo? – Que relevância têm as exigências morais do Evangelho, da caridade à verdade, da política ao trabalho, das contribuições fiscais à sexualidade, também por exemplo?

Muito frequentemente, os nossos actos pastorais exigem grande discernimento e disponibilidade da parte de padres e colaboradores leigos para começar do princípio, desfazendo preconceitos ou ideias erradas e refazer ou mesmo iniciar a catequese mais básica. Em cada comunidade cristã este é um papel da máxima exigência para cada presbítero e todos os agentes pastorais.

E nem daqui a universalidade da missão se ausenta, quer porque a nova evangelização abre à totalidade da Palavra e da Igreja aquilo que muitas vezes nos é pedido como expediente ou interesse marcadamente individual e subjectivo, quer porque a nova evangelização da Europa conta crescentemente com a presença de padres e leigos que trazem doutras partes do mundo a frescura evangélica que por vezes cá escasseia. Talvez seja este o ponto em que a missão *ad gentes* e a nova evangelização mais se interpenetram, em mútua potenciação. Mais uma vez, é a largueza de coração e à disponibilidade dos presbíteros que tal possibilidade se confia.

Em tudo isto, finalmente, se concretiza no coração e na vida dos presbíteros o Amor divino que acalenta o mundo. A universalidade da Igreja e da missão adquirem no Espírito esse tamanho sem medida. Quis lembrá-lo Bento XVI na sua primeira encíclica, só assim explicando toda a acção eclesial: "O Espírito é também força que transforma o coração da comunidade

eclesial, para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, no seu Filho" (Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas Est*, 25 de Dezembro de 2005, nº 19).





RETRATO DOS ORDINANDOS



CARLOS

A Pessoa

Carlos Alexandre Alves Pinto, nasceu a 8 de Junho de 1984, em São Jorge de Arroios, filho de Rui António da Costa Pinto e de Margarida Maria Carvalho Alves Pinto, sendo o segundo e último filho deste matrimónio.

A 15 de Setembro desse mesmo ano, Festa de Nossa Senhora das Dores, recebeu o baptismo na Paróquia de São Nicolau de Lebução, concelho

de Valpaços, sendo pároco o reverendo Padre Daniel. Viveu a sua infância na Freguesia de Barcarena, lugar de Queluz de Baixo, tendo frequentado de 1990 a 1994 a Escola Primária de Queluz de Baixo e, nos tempos livres, o Colégio das Irmãs Canossianas. Continuou depois os estudos na Escola D. Francisco Manuel de Melo entre 1994 e 1996 e, de 1996 a 1999, a Escola Secundária Seomara da Costa Primo, e terminou o curso de Técnico de Desenho em Construção Civil na Escola Profissional Gustave Eiffel, no ano 2002.

Fazendo a sua caminhada cristã na Paróquia de Barcarena, recebeu a sua primeira comunhão a 30 de Maio de 1993, na Igreja de Queluz de Baixo e o sacramento da confirmação na Igreja Paroquial de São Pedro de Barcarena a 16 de Julho de 2000, sendo D. José Alves o bispo confirmante. Juntamente com o seu grupo de crismados, fundou o Grupo de Jovens de Queluz de Baixo, ficando como responsável. Pertenceu aos acólitos da paróquia, onde começou a sentir os apelos do Senhor para o sacerdócio ministerial.

Foi nesta etapa da sua vida que o Padre Jorge Dias, seu prior, o desafiou a ir ao pré-seminário no verão de 2001. A descoberta de si próprio, de Deus e da Igreja levou-o a entrar no Seminário de São José de Caparide, em 2003, onde enraizou a sua vida cristã e aprendeu a responder ao chamamento do Senhor. Depois do ano propedêutico, começou os estudos teológicos na Universidade Católica Portuguesa. Em 2005, transitou para o Seminário Maior de Cristo Rei dos Olivais, onde completou os estudos, iniciou o trabalho pastoral, primeiro como animador do pré-seminário e, depois, na Paróquia de Cristo Rei da Portela.

Foi ordenado diácono no dia 30 de Novembro de 2008, por D. José Policarpo, Patriarca de Lisboa, no Mosteiro dos Jerónimos.

Rui Cantarilho
4º Ano - Seminário dos Olivais

A SUA COMUNIDADE

A primeira referência documental à igreja Paroquial de S. Pedro de Barcarena é do século XIII. O edifício que chegou até nós é do séc. XVII - XVIII. Tendo sido parcialmente destruída pelo terramoto de 1755, só em 1763 se iniciam as obras de reedificação e enriquecimento artístico da mesma.

Barcarena é uma freguesia do termo ocidental de Lisboa com mais quatro lugares de culto: Queluz de Baixo – Senhora de Fátima (donde é o ordinando); Valejas (S. Bento); Tercena (S. António) e Leceia (Senhora da Piedade).


Igreja Paroquial de São Pedro

A paróquia tem um centro social desde 1967 que realiza praticamente todo o serviço de assistência às crianças, aos jovens e aos idosos (centros de dia e em fase terminal). Procura ser um verdadeiro serviço de caridade da paróquia a toda a população.

Na comunidade de Queluz de Baixo existe uma casa religiosa das Irmãs Canossianas, que são também uma presença de oração e serviço da caridade, de entrega a Deus no mundo contemporâneo.

É uma comunidade dispersa e com um aumento avultado na sua população residente, que nos últimos anos tem rumado para uma maior convergência e comunhão.

Um testemunho pessoal

"Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20). Desejo que esta frase de S. Paulo aos Gálatas resuma cada vez melhor o que o Senhor tem vindo a realizar em mim ao longo destes sete anos.

A voz do Senhor manifestou-se para mim, de um modo muito concreto, por meio da Sua Igreja. Eu não percebia muita coisa, mas sentia um apelo. Sentia que havia um "algo mais" a descobrir e a cultivar na minha vida.

Fui então desafiado a ir a um encontro do Pré-Seminário pelo meu prior, Pe. Jorge Manuel Tomaz Dias. Num primeiro momento pareceu-me estranho, pois não sabia sequer o que isso significava; contudo, senti-o como uma interpelação e acabei por ir no verão de 2001.

Foi uma experiência muito bela. Senti aquele espaço e aqueles que encontrei como se já os conhecesse. A motivação primeira não foi uma questão vocacional, mas um desejo profundo de descobrir a Igreja à qual pertenço. No fim do encontro, o Pe. José Miguel desafiou-me a ficar no "Pré" e a fazer um ano de caminho com Jesus. Eu aceitei e ao longo desse ano toquei, experimentei e conheci a pessoa de Jesus Cristo como alguém realmente vivo e presente, como até então nunca o tinha feito.

Esta descoberta decorria enquanto fazia o curso Técnico de Desenho de Construção Civil. Fui percebendo que aquilo que para mim era central, ficava cada vez mais em segundo plano e a pessoa de Jesus ia ocupando cada

vez mais esse lugar central, de tal modo que tudo o que fazia tinha um ponto convergente: CRISTO.

A vida na comunidade paroquial foi também fundamental para conhecer melhor o "Corpo de Cristo". Estar com a comunidade na Eucaristia, no grupo de Jovens de Queluz de Baixo e no grupo de acólitos, foi uma verdadeira experiência de pertença a um "corpo". Neste processo de diálogo, de escuta com o Senhor, foram também importantes as noites de oração de Taizé. Nelas, a palavra escutada, o silêncio meditativo e os desafios que me eram lançados ganhavam espaço para o confronto e "faziam-se carne" em mim.

O testemunho de entrega do meu pároco foi fundamental para perceber aquilo a que o Senhor Jesus me desafiava. Nele vi o pastor, Jesus, compadecido pelas ovelhas. O seu amor pela Igreja e a sua entrega a Cristo ajudaram-me a ver o Evangelho feito carne. O seu amor pela Eucaristia era para mim um exemplo: aquilo que antes não parecia fazer grande sentido, passava a ser o centro da minha vida. Este novo ardor era perpassado pela procura de continuar as experiências vividas nas actividades do pré, no aprofundamento da pessoa de Cristo.

O que ia experimentando no "Pré" levava-me a desejar que outros fizessem a mesma experiência: Cristo Vivo. Levou-me a agarrar a vida da comunidade como verdadeiramente minha e a meter as mãos na massa para que o corpo ganhasse mais vida!

A entrada no Seminário de S. José de Caparide deu-se de um modo muito simples: uma única coisa habitava o meu coração, fazer a vontade de Deus. Nem sempre foi fácil, e os três anos que lá vivi foram um tempo de

profundo encontro comigo e de aprofundamento de quem é o Senhor. O estudo da Teologia nem sempre foi fácil, mas a certeza de que o Senhor estava comigo ajudou-me a perseverar quando muitas vezes parecia não valer a pena. Foi um tempo duro, de dúvidas, mas animava-me sempre a mesma certeza de que não estava ali por mim, mas porque tinha sido chamado. A mesma liberdade com que entrei para o seminário permitiu-me responder ao Senhor, quer no desafio de permanecer quer na fidelidade ao chamamento inicial. Na passagem para o Seminário dos Olivais, foi a mesma vontade, o mesmo desejo de seguir o Senhor!

Estes últimos quatro anos no Seminário Maior de Cristo Rei têm sido também um tempo de amadurecimento na fé e na vida da Igreja, com um coração que procura cada vez mais ser moldado com os mesmos sentimentos de Cristo Pastor.

"Quando sou fraco então é que sou forte".

É nesta certeza de que a força do Senhor se manifesta na minha fraqueza que me entrego a Ele, desejando uma única coisa: fazer a Sua vontade, porque só assim realizo o seu projecto de Amor para mim. Que Maria, minha mãe que sempre me ampara, me ajude a guardar tudo no meu coração tal como Ela guardava. Que eu possa sempre dizer com ela: *Fiat.*



HUGO

A PESSOA

O Hugo Filipe Almada Gomes, nasceu a 24 de Abril de 1985 no Funchal, e é o filho mais novo da casa, tendo mais dois irmãos. Vivem no Sítio da Igreja, na cidade de Santana da ilha na Madeira.

A sua mãe chama-se Gorete Gomes e o seu pai Luís Lucas e são naturais de Santana e de Machico, respectivamente. Os seus irmãos chamam-se Regina e Luís. A sua família participa activamente na Paróquia. Foi já na sua infância que sentiu o chamamento do Senhor que depois foi discernindo e amadurecendo. Durante esse tempo fez parte do grupo de acólitos.

O testemunho dos párocos foi importante para o desabrochar da vocação do Hugo que, convidado para o Pré-Seminário, aceitou fazer um caminho de discernimento acerca da vontade de Deus para a sua vida. Entrou para o Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima da Diocese do Funchal no ano 2000/2001.

Frequentou a Escola Secundária da Apel situada no Funchal, entrando assim para o décimo ano no Agrupamento de Humanidades. Após concluir os estudos secundários entrou para a Escola Teológica do Funchal da Universidade Católica Portuguesa, onde frequentou os seus primeiros dois anos de filosofia. Entretanto, colaborou nas paróquias da Graça e Álamos como catequista e animador dos grupos de jovens.

Terminados estes anos, transitou para o Seminário Maior de Cristo Rei dos Olivais em Lisboa. Foi instituído leitor a 5 de Abril de 2007 na Sé do Funchal, por D. Teodoro de Faria. A instituição de Acólito foi a 28 de Dezembro 2008, na Paróquia de Santana, por D. António Carrilho.

Nos quatros anos de formação, no Seminário dos Olivais, o Hugo tem crescido no conhecimento de Deus e na aprendizagem do serviço aos irmãos. Prepara-se agora para a ordenação diaconal que será no dia 25 de Julho de 2009 pelas 10 horas na Catedral do Funchal.

O Hugo é muito dedicado e atento ao seu próximo. É acolhedor e disponível para servir os irmãos. É uma pessoa humilde, sabe estar com os outros e tem o carisma de mobilizar e evangelizar os jovens. O tempo revelará certamente ainda mais, que a graça de Deus amadurecerá e fará frutificar.

Roberto Manuel Sé Aguiar
5º Ano - Seminário dos Olivais

A SUA COMUNIDADE

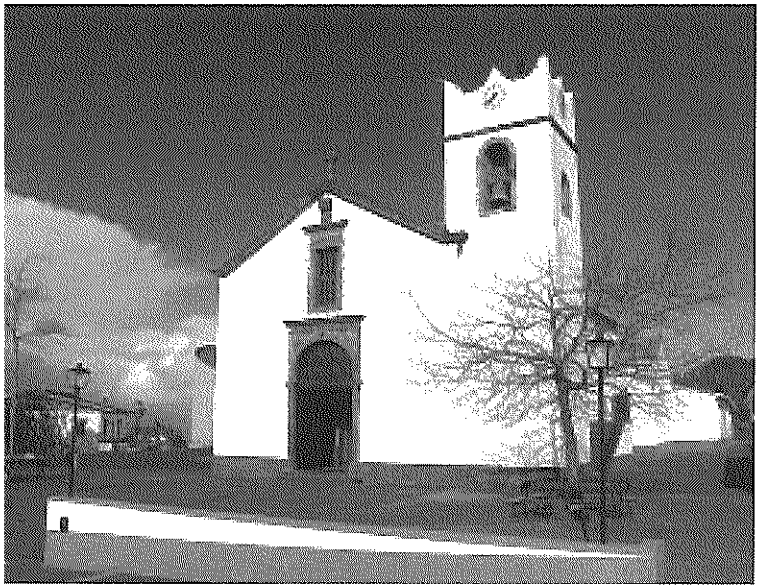
Pensa-se que a povoação de Santana terá tido o seu início por volta do último quartel do séc. XV, tendo sido criada freguesia por alvará régio de 2 de Junho de 1564, desmembrando-se da de São Jorge. No ano de 1835 ascendeu à categoria de vila e sede do Concelho. No dia 1 de Janeiro de 2001 Santana foi elevada à categoria de Cidade.

É uma das paróquias mais pitorescas do Norte da ilha da Madeira. Toda a gente conhece a arquitectura tradicional das suas famosas casas de colmo. Esta paróquia está situada na costa nordeste da Ilha, entre o Calhau de S. Jorge e a Ponta do Clérigo.

Nesta paróquia existem dois lugares de culto: a capela de Santo António edificada em 1550 e restaurada em 1730, e a igreja matriz de Santa Ana que remonta à segunda metade do séc. XVII, (1698). Foi primeiramente uma capela cujo ano de fundação se desconhece e que, ao longo dos tempos, sofreu diversas transformações.

Celebra-se com grande solenidade o dia da sua padroeira no último fim-de-semana de Julho e no primeiro fim-de-semana de Agosto celebra-se a

esta do Santíssimo Sacramento em que são famosos os tapetes de flores nas uas da procissão. Existem duas confrarias, uma de Santa Ana e outra do Santíssimo Sacramento, e ainda a Ordem Terceira, o grupo de acólitos, o grupo de jovens, o grupo coral, os ministros da comunhão. Esta paróquia conta também com a presença de uma comunidade de religiosas vitorianas que ajudam dentro das suas possibilidades a revitalizar a vida cristã.



greja Paroquial de Santana

Naturais desta paróquia temos ao serviço da diocese do Funchal os eguintes padres diocesanos: Pe. Eduardo de Freitas Nascimento, ordenado m 22/09/56; Pe Manuel de Freitas Luís, ordenado em 15/08/1960, pároco da Graça; Pe. António dos Ramos Teixeira da Silva, ordenado em 14/08/1966, ároco do Piquinho e Preces; Pe. João de Freitas Mendonça, ordenado em 1/07/84, pároco do Porto da Cruz e S. Roque do Faial e Pe. João Carlos da Costa Gomes, ordenado em 06/01/1995, pároco do Livramento.

Na impossibilidade de falar de todos os párocos que trabalharam nesta

paróquia, refiro apenas aqueles que eu próprio conheci: o Pe. Isidro, actualmente pároco da Madalena do Mar, que foi o impulsionador da escola secundária de Santana e o actual, o Pe. Rui Fontes que tem dinamizado e enriquecido o património da paróquia com a construção do Salão Paroquial.

Estou muito agradecido a esta minha paróquia onde nasci e cresci como cristão e onde senti o chamamento do Senhor para O servir como presbítero. Conhecedor da minha debilidade, apresento-me à Igreja disponível para exercer este ministério sublime confiado na sua oração e amizade.

Hugo Gomes

Um testemunho pessoal

Quando olho para a minha caminhada vocacional, devo frisar a importância de ter nascido no seio de uma família cristã que reza unida e tem uma vivência activa na comunidade paroquial de Santana, minha terra natal. Foi igualmente marcante uma figura que fazia parte do ambiente familiar do meu pai e cujo testemunho de vida muito me encantou: o senhor Pe. Alberto.

Poderia referir muitas coisas que foram marcando a minha caminhada, como por exemplo, o convite do meu antigo pároco, Pe. Isidro Rodrigues, para fazer parte do grupo de acólitos. Aí comecei a ver como é importante o contributo de todos para a edificação da comunidade paroquial.

O novo pároco convidou-me a ir ao seminário e, sem saber bem ao que ia, aceitei o convite. Eu já tinha ido ao Colégio Missionário dos Dehonianos e era essa casa que eu tinha na minha ideia. Quando cheguei ao seminário

diocesano de Nossa Senhora de Fátima tive uma grande surpresa. Compreendi que Deus me chamava para ali. Entrei no ano do Grande Jubileu que, também por isto, marcou profundamente a minha vida.

Tudo no seminário era novo para mim. Havia um espírito que nos unia e fazia de nós uma só família fundada na mesma fé, no mesmo querer discernir a vontade de Deus acerca de cada um de nós. Entrei para o 10º ano de escolaridade. A princípio, custou-me deixar o ambiente familiar. Contudo, a oração e o conhecimento de outros amigos que Deus colocava na minha vida, foram-me ambientando. E aprendi a viver e a crescer com eles e com os padres. O momento mais importante do dia era a celebração da Eucaristia. Foi um tempo muito forte de que guardo gratas memórias. Tempo de brincar, de estudar, tempo para ir às paróquias e rezar com as comunidades cristãs.

Ao entrar no curso de teologia, comecei a colaborar pastoralmente na paróquia dos Álamos.

Com a mudança para o Seminário Maior de Cristo-Rei dos Olivais, em Lisboa, Deus continuou a moldar este barro humano que sou eu através das mãos dos sacerdotes da equipa formadora. A passagem pelas paróquias do Milharado, Vila Franca do Rosário, Gradil e nestes dois últimos anos na paróquia da Ramada fez-me conhecer novas realidades pastorais que me ajudam a alargar os horizontes e me preparam para ser imagem de Cristo Pastor. Como disse o Papa Bento XVI aquando da nossa peregrinação a Roma: " este tempo de Seminário gera uma maturação particularmente significativa na vossa consciência: deixais de olhar para a Igreja «de fora», para vos sentirdes dentro dela como se fosse a vossa casa. Ganhais assim aquele «sentire cum Ecclesia» que fará de vós humildes e fiéis servidores da Verdade,

pastores segundo o Coração de Deus".

Este estar dentro permite-nos ver as maravilhas que Deus continua a fazer em favor do seu povo. Peço-Lhe humildemente que complete a obra que em mim iniciou, para benefício da Sua Igreja.

Hugo Gomes



LUÍS MIGUEL

A PESSOA

Sabem onde fica Vereeniging? É na África do Sul: foi lá que o Luís Miguel viu pela primeira vez a luz do dia e deu o seu primeiro grito, para alegria dos familiares, que estavam à sua espera.

Na África do Sul, o Luís Miguel recebeu, na Igreja de Santo Antóni dos Portugueses em Joanesburgo, o Sacramento do Baptismo. E foi neste paí que deu os primeiros passos da sua vida cristã até ao 6º ano da catequese.

Em Dezembro de 1995, com apenas onze anos, deixou o país que o vi nascer e veio para a Ilha da Madeira, para a casa dos seus avós maternos, n Porto Moniz. Na escola, o Luís apercebeu-se pela primeira vez de que Deus chamava. Foi num dia em que recebeu a visita de um sacerdote dehoniano qu fazia promoção vocacional. Este desejo de ser padre foi crescendo e o Luí Miguel falou com o seu pároco pedindo-lhe que o inscrevesse no Pré Seminário. E assim iniciou a aventura de ser pré-seminarista durante 3 anos.

Em Outubro do ano 2000, iniciou o ano lectivo no Seminári Diocesano do Funchal e frequentou a Escola da Apel (Associação Promotor do Ensino Livre). Terminado o ensino secundário, o Luís Miguel ingressou n curso de Teologia e colaborou pastoralmente nas paróquias de São Gonçalo da Graça. Após os dois primeiros anos de Teologia, o Luís chegou a Lisbo onde continuou a sua formação no Seminário Maior de Cristo-Rei e n Universidade Católica Portuguesa. Para sua iniciação pastoral colaborou n paróquia de Linda-a-Velha e, mais recentemente, na de Sacavém.

Durante a caminhada nos Olivais foi agraciado por Deus com o ministérios de Leitor e de Acólito, em 2007 e 2008, respectivamente, que ajudaram a crescer na escuta atenta e na proclamação da Palavra de Deus e n serviço do altar. No dia 25 de Julho, se Deus quiser, o Luís Miguel ser ordenado Diácono, juntamente com o Ricardo e o Hugo.

África do Sul, Madeira, Lisboa... que mais destinos terá Deus reservad para o Luís? Para já, a Madeira... e, ao menos simbolicamente, o madeiro da cruz

O Luís é uma pessoa alegre, de fácil relacionamento, delicado e edicado aos outros. Perto dele é impossível estar triste.

Luís: bendito seja Deus por tudo o que já fez em ti, e assim o speramos, continuará a fazer. Conta com a nossa oração e amizade.

Luís Miguel Lira
4º Ano - Seminário dos Olivais

A SUA COMUNIDADE

Sou da paróquia da Santa. Situada na encosta norte da Ilha da Madeira, ɔi criada juntamente com outras quarenta e nove por decreto de D. David de ousa em 24 de Novembro de 1960, tendo como padroeira Santa Maria Iadalena, que sempre foi conhecida em toda a região da Madeira como "a Santa".

Por volta de 22 de Julho, data em que se celebra a sua festa litúrgica, ercorriam em peregrinação caminhos difíceis passando pelas serras altas, travessando ribeiros, pernoitando em sítios já conhecidos, romeiros de todas as :eguesias que esperavam chegar àquela pequena igreja para cumprir promessas u pedir auxílio nas diversas situações da vida. Em 1957 foi construído um novo 'emplo, sendo pároco o Pe. Barros. Os que partiram para longe em busca de ıelhores condições de vida levaram em seus corações a sua padroeira, a Santa, a ım de os proteger com a sua intercessão.

Esta paróquia deu a Deus e à Igreja, ao longo dos tempos, vocações de onsagração especial: Irmãs Vitorianas, Irmãs da Apresentação de Maria, entre utras. Deu alguns padres diocesanos mas, em maior número, padres dehonianos.

Entre os padres, filhos desta paróquia, destaca-se o cónego Angelino Barreto que foi reitor do Seminário da Encarnação do Funchal, o Pe. Costa, grande conhecedor da botânica madeirense, e o Pe. Rafael Costa, ainda vivo, que é actualmente o vice-reitor da casa geral dos Dehonianos em Roma e responsável pelo arquivo do Pe. Dehon. O último padre a celebrar missa nova na paróquia foi o padre Rafael Costa em 1966, tendo sido ordenado em Roma pelo secretário-geral do Concílio Vaticano II. O último padre diocesano foi ordenado há já uns 70 anos. A paróquia tem vindo a ser perseverante na oração pelas vocações, encontrando-se sempre disponível para ajudar o seminário naquilo que precisa.

O Pe. Afonso Nóbrega, natural do Caniço, é o actual pároco desde Setembro de 2001, sucedendo ao Pe. Paulo Silva. Tem mais duas paróquias (Achadas da Cruz e Porto Moniz) e uma capela (Lamaceiros) pertencente à paróquia da Santa, e é arcipreste da zona pastoral de São Vicente e Porto Moniz. Também é responsável pelas Equipas de Casais de Nossa Senhora.

A paróquia conta com diversos dinamismos e estruturas pastorais como a catequese paroquial, o grupo de acólitos, o grupo coral, o grupo dos amigos da Irmã Wilson,



Igreja Paroquial da Santa

ım grupo da Ordem Terceira de São Francisco e as crianças da Cruzada ;ucarística e o grupo dos leitores e ministros extraordinários da comunhão. ;alienta-se de modo particular a confraria do Santíssimo Sacramento e a :omunidade das Irmãs Vitorianas.

Agradeço a Deus por esta comunidade paroquial que me ajudou a crescer ıa fé e a responder ao Senhor. Agradeço também ao meu pároco e irmãos ›aroquianos a sua oração e amizade.

Luís Miguel Delgado Pedreiro

Um testemunho pessoal

Tive a graça de nascer no seio de uma família católica praticante e tenho :onsciência de que todo o meu itinerário é fruto da graça de Deus que, em diálogo :omigo, e por meio de pessoas concretas me vai manifestando a sua vontade e a ;ua misericórdia.

Ao longo do meu itinerário vocacional fui respondendo aos desafios de Deus dando passos concretos para uma maior disponibilidade e entrega.

Olhando para trás vejo como, no silêncio do coração, crescia em mim uma ;emente que Deus depositara. Aos poucos fui aceitando livremente a proposta de Deus, cultivando uma relação mais profunda com Jesus Cristo. É certo que a :esposta não é somente uma palavra dita num certo dia no entusiasmo de nomento: é um percurso livre, de crescimento humano e cristão. Foi aos poucos, :om a ajuda da oração, tendo a consciência de que Deus me chama para me :ntregar inteiramente a ele. Fui percebendo que o amadurecimento requer um

progressivo descentramento de mim próprio para me colocar ao serviço do irmãos. A minha vocação ultrapassa largamente a mera busca da felicidad pessoal, é antes participação na compaixão de Jesus pelas multidões.

Tenho a experiência de que escutar e acolher a Palavra de Deus é essencial para criar um coração pobre e humilde, disponível para fazer a vontad do Senhor.

A comunidade eclesial é sem dúvida o seio materno onde aprendemos a responder ao Senhor com segurança e verdade, com humildade e confiança. O meus sentimentos são de gratidão para com as pessoas que, pelo seu lugar ou serviço à comunidade ou mesmo pelo seu simples testemunho, têm tid particular importância no meu trajecto vocacional. Saliento os dois bispos d diocese do Funchal, os meus formadores, tanto do Seminário do Funchal com do Seminário Maior de Cristo Rei, os meus directores espirituais, o meu actua pároco que tem sido um grande testemunho de dedicação e zelo pastoral, entr outros padres e consagrados que têm sido sinais visíveis do rosto de Cristo n minha vida.

Tenho plena consciência da minha fragilidade pessoal e da grandeza d missão que Deus tem para mim. Abraço o Seu desígnio com amor e confiança.

Louvado seja o Senhor Jesus Cristo minha fortaleza por tudo o que tem realizado em mim, e sua mãe Maria Santíssima que sempre me tem acompanhad com sua ternura maternal.

Luís Miguel Delgado Pedreir



MOISÉS

A PESSOA

Moisés Herves Jiménez nasceu em Sevilha, Espanha, a 19 de Junho de 980, mas veio para Portugal aos 3 anos com os pais e os três irmãos (e com outro a caminho). Viveram sucessivamente em Baleizão, Beja, Évora (onde

estiveram mais tempo, 16 anos) e ultimamente em Elvas. Moisés é o segundo dos doze filhos de Miguel Angel e Hortênsia, que há cerca de 25 anos são catequistas itinerantes responsáveis pelo Caminho Neocatecumenal em 4 dioceses do Sul de Portugal: Évora, Beja, Algarve e Portalegre-Castelo Branco

Foi com bastantes dificuldades que esta família viveu a sua missão: a saída da terra natal, a precariedade de subsistir sem um ordenado mas apenas com o que Deus ia providenciando, as dificuldades nos estudos próprias de uma experiência bilingue, etc. As alegrias também foram muitas ao ver a acção de Deus na missão, o nascimento de novas crianças, etc. Os pais iam transmitindo a fé através da oração diária, da celebração das Laudes dominicais em família, e da participação na Eucaristia. Já com 12 anos, o Moisés participou nas catequeses do Caminho Neocatecumenal, entrando numa comunidade própria (na paróquia de Nª Srª da Saúde, em Évora), onde foi sendo alimentado através da Palavra, da Eucaristia e dos convívios mensais, bem como das sucessivas etapas do neocatecumenado, e da participação em vários encontros de jovens com o Papa João Paulo II.

Durante a adolescência, o Moisés interessou-se pelo desporto, e por vários anos jogou futebol federado no Juventude de Évora, onde chegou a ser campeão regional de juniores; este *hobby* obrigou-o a faltar muitas vezes à oração em família, e a mergulhar na vida nocturna, o que o levou a sentir-se longe de Deus, e a passar por uma grande crise. Foi no meio dela que, em Março de 2000, num encontro com o Papa em Israel, o Moisés sentiu que Deus o estava a chamar para ser presbítero. Naquela altura, resistiu: só em Agosto seguinte, na Jornada Mundial da Juventude em Roma, é que se levantou disponível para entrar no seminário, mesmo estando a namoriscar. As palavras do Papa João Paulo II, repetindo Stª Catarina de Sena: «Se fordes

o que deveis ser, pegareis fogo ao mundo», ajudaram-no a acolher o chamamento de Deus.

Uma experiência no Verão de 2001 com uns tios e primos em Estocolmo (estão aí como família em missão) ajudou-o a decidir-se e o Moisés foi enviado para o Seminário Redemptoris Mater do Patriarcado de Lisboa, fundado no ano anterior. Não foi fácil a mudança, nem a vida numa casa onde cada um vinha do seu país com costumes muito diferentes; mas a liturgia e a oração diárias, bem como o apoio dos formadores, catequistas e da comunidade neocatecumenal, foram-no ajudando ao longo dos cinco anos que aí passou, enquanto fazia o curso de Teologia; importantes também foram as experiências de missão e catequização em Caxias e na Benedita, juntamente com os irmãos da sua comunidade. Em 2003, a entrada da sua irmã Maria (aos 18 anos) no convento de clausura das Concepcionistas em Campo Maior foi para ele uma forte confirmação da sua própria vocação.

Concluída a licenciatura em 2006, o Moisés foi enviado em missão para Angola, onde esteve um ano auxiliando o pároco da Ilha do Cabo em Luanda, e outro ano numa equipa de catequistas itinerantes (com um padre venezuelano e um casal) em Benguela, Huambo e Kuíto-Bié. Foram experiências duras pela precariedade material e pela distância de casa, mas de uma grande riqueza, pois o Moisés pôde ver a força de Deus, capaz de transformar os corações e as vidas de muitas pessoas e famílias destruídas por tantos anos de guerra e com dificuldades enormes.

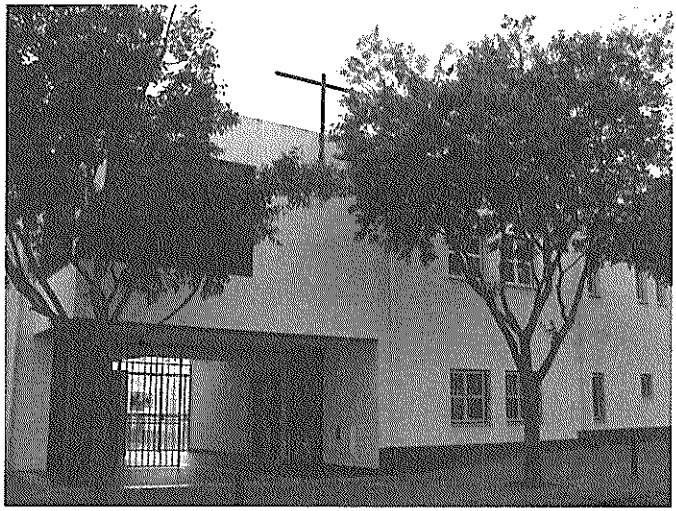
Quando voltou ao seminário em Setembro de 2008, preparou-se para a ordenação diaconal celebrada a 30 de Novembro seguinte, com gratidão ao Senhor e à Igreja pela obra feita na sua vida e pelas maravilhas vistas na sua

família, catequistas, formadores e irmãos, bem como nas diferentes missões em que participou. Neste momento está a fazer o Ano Pastoral, exercendo o seu ministério de diácono na paróquia lisboeta da Penha de França e prepara-se para a ordenação presbiteral.

Conheçc o Moisés há vários anos e entrei com ele para o seminário. É bom ver a fidelidade de Deus ao Moisés e a fidelidade do Moisés a Deus, apesar de tudo... Deus nunca falta a quem n'Ele confia e faz maravilhas quando O deixamos actuar em nossas vidas.

David Pernas
5º Ano - Seminário Redemptoris Mater

A SUA COMUNIDADE


Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Saúde

A paróquia de Nossa Senhora da Saúde da cidade de Évora foi constituída em 1998 por D. Maurílio de Gouveia que fundiu numa só a paróquia de Nossa Senhora da Conceição sediada na Igreja do Espírito Santo, ao lado da Universidade, e a paróquia de Nossa

Senhora da Saúde que funcionava na capela do bairro que tem o mesmo nome. A 26 de Novembro de 1995 foi dedicada a nova igreja paroquial que até 1998 foi, na prática, sede das duas paróquias. Nesse ano, o padre Adriano Chorão Lavajo, juntamente com o seu irmão padre Joaquim, assumiu o cuidado pastoral da nova e extensa paróquia que tem cerca de doze mil habitantes. Além da igreja paroquial, tem ainda as capelas de Nossa Senhora da Saúde e de Santa Bárbara do Degebe e ainda duas garagens no bairro de Santa Luzia e no bairro de Santo António. Neste último, está em construção uma nova capela.

Foi nesta paróquia que passei a minha adolescência e juventude sob o olhar atento do padre Adriano que sempre me encorajou a remar contra a maré e "a subir contra a corrente para chegarmos até à nascente" como escreveu João Paulo II.

Agradeço ao Senhor ter-me dado esta paróquia concreta para caminhar na fé e aprender a responder ao Seu chamamento. Bem hajam os seus pastores e tantos irmãos e irmãs que para mim são imagem da verdadeira comunhão cristã.

Moisés

Um testemunho pessoal

Em vésperas de ser ordenado presbítero, o meu testemunho só pode ser um cântico de louvor e de acção de graças ao Senhor. Na minha infância e adolescência, nunca me passou pela cabeça a ideia de ser padre, mas estas etapas da minha vida foram profundamente marcadas por dinâmicas

evangelizadoras e missionárias. Tinha eu três anos e meio quando parti com os meus pais para uma itinerância em família, através do Caminho Neocatecumenal. Em 1983, esta missionação em família era coisa muito estranha e muito rara, mas foi ela que me trouxe de Sevilha para Portugal. A minha casa era um lugar de passagem não só dos outros membros da equipa dos meus pais (um padre e um seminarista ou jovem leigo) mas de muitas outras pessoas ligadas à evangelização: padres, casais, jovens, seminaristas...Foi sendo habitual para mim ver pessoas deixarem tudo e partirem para a missão movidas por um grande amor a Jesus Cristo e à Igreja. Hoje não sei como louvar e bendizer o Senhor por ter crescido nesta família que através desta forma de iniciação cristã procurava viver o Evangelho e transmitir a fé aos filhos. Através da minha família Deus deu-me de bandeja o maior tesouro, a maior herança: a fé cristã.

Essa fé foi para mim um ancoradouro seguro quando na minha juventude se levantaram grandes ondas que me arrastavam para um mar sem porto, para uma vida sem sentido. A pequena comunidade neocatecumenal em que fui caminhando a partir dos meus treze anos foi para mim uma presença muito concreta da Igreja que, como mãe carinhosa ia cuidando de mim, lavando as minhas feridas, libertando-me dos enganos do maligno, fazendo que em mim se realizasse aquela passagem "da fé para a fé", de que fala S. Paulo: da fé recebida dos meus pais para uma experiência pessoal de encontro com Cristo ressuscitado, actuante na minha realidade concreta.

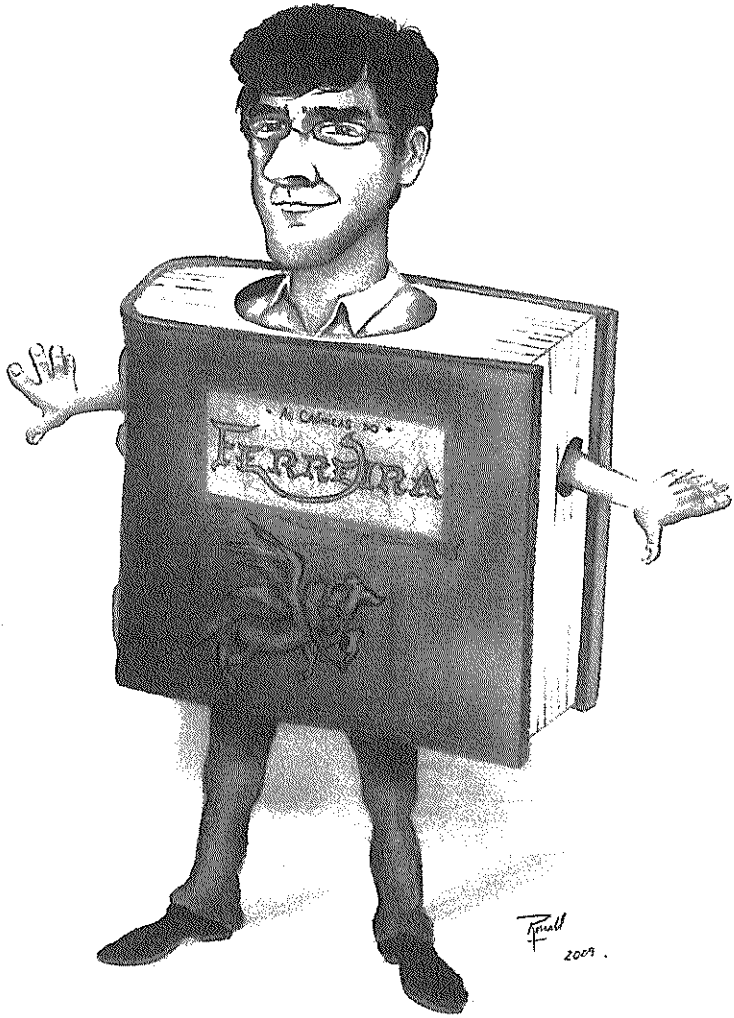
Graças a esta experiência e aos Encontros Mundiais da Juventude fui-me tornando capaz de escutar o chamamento do Senhor para O seguir. A princípio, não via este seguimento na perspectiva do sacerdócio ministerial, mas pouco a pouco foi-se tornando claro. Toda a caminhada do seminário no

discernimento vocacional e na formação para o ministério foi para mim como um namoro com Cristo. Foi Ele que me prometeu antes de entrar no seminário: "Eu mesmo vou seduzir-te, conduzir-te ao deserto e falar-te ao coração. Eu te desposarei comigo para sempre, Eu te desposarei comigo na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei comigo na fidelidade, e tu conhecerás o Senhor".

Assim foi acontecendo... E agora chega o momento de Lhe entregar inteiramente a minha vida para O servir, associado ao ministério dos apóstolos. Que tarefa tão grande e tão sublime para um homem como eu! Como será isto?

Vamos ver...

Moisés



RICARDO FERREIRA

A PESSOA

Às 15 horas do dia 31 de Janeiro de 1983, ouviu-se no hospital de Torres Vedras um choro estranho, comparável ao som de uma concertina desafinada. Era o Ricardo Ferreira que acabava de nascer! Foi aguardado com grande expectativa pois era o terceiro e já serôdio rebento da família Ferreira. À sua

rente tinham chegado seus irmãos Fernanda e Paulo que à data tinham 22 e 18 anos respectivamente. O Ricardo tornou-se filho de Deus a 17 de Abril desse mesmo ano na Igreja paroquial da Lourinhã e foi registado em S. Bartolomeu dos Galegos.

Foi crescendo, e mesmo antes de entrar na escola era visto nos trabalhos do campo ajudando seus pais. Parecia um adulto pequenino! Quando entrou para a escola destacava-se pelo gosto de aprender história e matemática. À língua portuguesa não achava tanta graça... Depois das aulas ia com os seus amigos dar chutos na bola, andar de bicicleta ou mesmo jogar ao berlinde. Outras vezes ia caçar com seu pai e irmão ou ficava com o seu avô paterno que lhe contava histórias e ensinava a fazer brinquedos artesanais. Sonhava ser jogador de futebol ou agricultor como o seu pai, engenheiro como o seu irmão ou então bombeiro... ou médico. Mal sabia ele o que Deus sonhava para si.

"Deus sabe tudo. Sabe mesmo aquilo que nós pensamos." Estas palavras de sua mãe ajudaram-no a começar a rezar sozinho. Por vezes tentava desafiar a omnisciência de Deus: "vou pensar outra coisa diferente para ver se Deus se atrapalha..." Mas o Ricardo ficava sempre derrotado com tais desafios. Fez a primeira comunhão, entrou para os acólitos e começou a saborear o Evangelho: via nele um livro de aventuras em que Jesus era o herói.

Quando foi para a escola secundária na Lourinhã, começou a perceber que não podia realizar todos os seus sonhos. Foi então que o Senhor, por intermédio do Padre Nelson, o convidou a entrar no Pré-Seminário. Apesar de uma primeira nega e porque o Senhor não desiste daqueles que chama, o Ricardo voltou a ser convidado e, com alguma vergonha, aceitou. Ao verificar

que no Pré-Seminário também se jogava à bola, dispôs-se a começar um tempo de discernimento vocacional.

Durante uma peregrinação a Santiago de Compostela em 1998 surgiu o convite para entrar no Seminário e, apesar de algum receio, entrou no ano seguinte para Penafirme. Estes anos de 1999 a 2002 foram tempo para crescer na maturidade e na responsabilidade e para descobrir mais profundamente a pessoa de Jesus que o chamava. E o Ricardo foi-se deslumbrando progressivamente.

Se desde pequeno sonhou ser jogador de futebol, o Seminário de Caparide (2002-2005) foi para ele um tempo de derrotas importantes: aprendeu a perder-se para si mesmo a fim de ser vitorioso com Cristo, deixou-se apanhar pelo Senhor, e aprendeu a passar-lhe a bola em vez de se apoderar dela. E assim aceitou responder ao desafio que lhe era lançado: ir com Jesus até ao fim do mundo, isto é, ser presbítero. Confiando na Igreja, o Ricardo aprendeu a abandonar-se nas mãos do Pai.

Nestes anos vividos no Seminário dos Olivais, o Ricardo tem aprendido a identificar-se com Cristo Pastor. Fez trabalho pastoral na paróquia de Linda-a-Velha e nas paróquias de Santa Maria de Loures, São Pedro de Lousa e Santo Estêvão das Galés. Na caminhada decisiva para o sacerdócio recebeu o ministério de leitor a 15 de Março de 2007 e de acólito a 14 de Março de 2008.

O tempo de Seminário foi assim uma aprendizagem do que é ser apóstolo de Jesus, conhecendo-O cada vez mais intimamente. Foi uma descoberta da beleza da oração, da alegria do serviço, da liberdade de quem não vive para si mesmo. Foi particularmente importante para o Ricardo a

oração do terço, pela qual aprendeu com Maria a amar Jesus e a obedecer à Igreja.

Não é para buscar uma felicidade pessoal que o Ricardo quer ser padre. Esquecendo-se de si, dispõe-se a ser presença do Bom Pastor que veio para servir e dar a vida pelas suas ovelhas. Pelo menos é o que ele diz...

Ivo Santos
4º Ano - Seminário dos Olivais

A SUA COMUNIDADE

S. Bartolomeu dos Galegos é uma pequena paróquia rural, com cerca de mil e quinhentos habitantes, situada no extremo norte do concelho da Lourinhã na zona oeste do Patriarcado de Lisboa.

Desmembrada de Santa Maria de Óbidos, foi constituída paróquia entre os finais do século XIV ou princípios do século XV. A freguesia civil passa a fazer parte do Concelho da Lourinhã apenas em 1836.

Além de S. Bartolomeu, a paróquia integra mais oito aldeias: Carqueja, Pena Seca, Feteira, Casal da Galharda, Reguengo Pequeno, Casal Caldeira, S. Domingos e Paço de onde sou natural.

As principais celebrações são a Páscoa e o Natal, mas além destas destacam-se, na sede da paróquia, as festas de Santa Maria a 2 de Fevereiro e o Corpo de Deus. Esta última é a maior festa da paróquia. Nela participam todos os lugares.


Igreja Paroquial de São Lourenço dos Galegos

Além da Igreja paroquial existem outros lugares de culto. No lugar da Pena Seca encontramos uma pequena capela do Século XVI que tem como orago S. António, em honra do qual se celebra, anualmente, uma festa por volta do dia 13 de Junho.

Existe também a capela de S. Domingos que tem como orago Santo Antão, festejado em Janeiro. A capela da Feteira tem como orago Nossa Senhora dos Anjos em honra da qual é clelebrada festa no dia 15 de Agosto. No lugar do Paço a capela tem como orago S. Brás, festejado no dia da sua memória litúrgica em 3 de Fevereiro. Celebra-se também a festa do Santíssimo Sacramento no primeiro domingo de Julho de cada ano.

As principais ocupações das pessoas são a agricultura, a construção civil e a extracção e transformação de pedra calcária.

O acontecimento de maior relevância e tradição na freguesia é a feira anual de S. Bartclomeu, a 24 de Agosto.

Não há memória de que nos últimos cem anos tenham surgido nesta paróquia vocações sacerdotais, religiosas ou missionárias. Alguém tinha de quebrar o enguiço...

Ricardo Ferreira

Um testemunho pessoal

Ao perscrutar a minha caminhada vocacional vejo-a como uma resposta tecida no cruzamento de outras tantas respostas, que me ajudam hoje a oferecer a minha vida ao Senhor. É impossível fechar os olhos e o coração ao amor de Deus espelhado no rosto e na vida de tantas pessoas à minha volta.

Tive a graça de nascer no seio de uma família católica, que me transmitiu o Evangelho. Na minha educação, para além dos meus pais, a minha irmã e o meu irmão, bem mais velhos, foram os meus principais educadores. Em minha casa vigorava o "*ora et labora*"de S. Bento: o trabalho e a oração marcavam o nosso viver quotidiano.

Assim, desde pequeno, sobretudo pela mão da minha mãe, aprendi a rezar ao "Pai do Céu". Aprendi as histórias de Moisés, de Job, e claro, aprendi a conhecer Jesus, os seus milagres e ensinamentos.

A educação recebida em casa levava-me ao encontro da comunidade reunida na capela da minha terra. Foi na catequese, como catequizando e como catequista, que comecei a perceber quanto Deus tem a ver comigo. Isto levou-me também a pertencer ao grupo dos acólitos. Tinha de estar em tudo...

A par destes acontecimentos edificantes, estavam também os outros, aqueles que iam desvendando a este garoto os segredos do mundo. Eram as malandrices próprias da idade... Todavia foi esta avidez de saber e de conhecer, que me levou a ser convidado para um caminho de discernimento, nos encontros dos Amigos de São Francisco de Assis. Nestes encontros com os frades franciscanos, tudo estava bem enquanto havia apenas catequese e divertimento. Mas quando comecei a perceber que a finalidade era vocacional, acabou a minha disponibilidade porque, apesar de gostar muito de tudo aquilo, ir para o seminário e ser padre, não era vida para mim!

Depois deste susto, a dedicação pelas coisas da igreja arrefeceu um pouco, não só porque estava numa idade propícia a esse tipo de atitude, mas, porque tinha percebido que envolver-me em demasia com as coisas da Igreja era um risco sério para os meus sonhos de um futuro brilhante como futebolista, médico, doutor, engenheiro... eu sonhava ser tudo e mais alguma coisa, mas não sabia qual era o sonho de Deus para mim.

Foi nessa altura que tudo mudou, e eu fui parar ao pré-seminário. Resisti o mais que pude aos convites do prior, mas lá acabei por ir. Era só para lhe fazer a vontade, pensava eu, pois sabia dos riscos que corria. Mas a verdade, é que aquele estágio de pré seminário veio mudar por completo a ideia que eu tinha da Igreja, e do que era ser padre! Eu vivia ao ritmo da comunidade da minha terra. Ali eu conhecia a Igreja apenas pela missa dominical, o terço no mês de Maio e a Via-sacra na Quaresma. No pré-seminário conheci a Igreja de uma forma surpreendente como nunca tinha experimentado. Ali rezávamos e divertíamo-nos bastante. A par da catequese havia o futebol e a praia. Eu nunca tinha conciliado estas coisas. Isto para mim era novidade, era um arranjo perfeito. Dali, volto para casa sem medo nem

vergonha de me empenhar na minha comunidade. Foi o reacender do interesse; foi, no fundo, o amadurecer da resposta que viria a dar. Contudo eu não queria propriamente ser padre, queria apenas mais... Queria descobrir o que movia e cativava aqueles padres e seminaristas sempre sorridentes. Eu não queria ser padre, apenas queria ser feliz.

Em consequência daquela descoberta, aconteceu o que eu temia: fui convidado a entrar para o seminário. Não dei logo uma resposta. Precisava de pensar. Tinha muitos sonhos, ainda era novo... Andei assim bastante tempo, mas por mais contas que fizesse, nunca tinha uma solução satisfatória, nem para um lado nem para o outro.

A caminho de Santiago no ano jacobeu de 1999, percebi que para andar para a frente é necessário dar passos. Não sabia que caminho tomar mas sabia para onde queria ir... Eu queria experimentar aquela felicidade que via no rosto daqueles homens, mas surgia a questão: será que o caminho era por ali?!

Eu sabia que sim mas tinha medo do compromisso e de abandonar os meus sonhos. Tinha no entanto, um grande desejo de ser feliz e foi ele que me fez entrar no seminário. Não tardei a perceber que aquilo não era só convívio e jogos de bola. Havia mais coisas, quase todas desconhecidas para mim. Era necessário manter o espírito de aventura!

Entrei para o seminário menor, no ano em que ele reabria em Penafirme. Trabalhar nas obras de adaptação da casa fez nascer em mim um carinho e um apreço especial por aquele seminário que era o meu novo lar. O empenho e a responsabilidade foram estímulo para a oração, para o estudo, e sobretudo para a confraternização, e descobri que já não desejava apenas ser

feliz; desejava acima de tudo, poder fazer os outros felizes.

Movido pelo desejo de fazer os outros felizes, percebi mais claramente que isso não é possível sem Cristo. Tinha de ser Ele o centro da minha vida. A mim cabia-me ser discípulo e testemunha e aceitar subir com Ele para a barca. Esta descoberta encorajou-me a avançar para o seminário de S. José de Caparide, mas a pergunta mantinha-se: será mesmo necessário que eu seja padre?

Na verdade eu ainda não sabia por onde me levava o desejo de ser feliz e de fazer os outros felizes mas acima de tudo, de testemunhar ao mundo a alegria que é conhecer Cristo.Durante o Seminário de S. José fui aprendendo a configurar a minha vontade com a vontade de Cristo, fui aprendendo que nós, filhos de Deus, temos de ter uma relação íntima com Cristo e com a Igreja. Ou seja, fui aprendendo que o caminho não se faz apenas de certezas e de boa vontade, mas também de respostas nossas e de vitórias de Cristo em nós. Assim, no tempo de Caparide desmoronou-se o meu castelo de sonhos e de boa vontade. Muitas vezes o tentei reerguer mas acabou sempre por cair.

Numa aula da Faculdade de Teologia escutei um dia estas palavras: "*para que o Sonho de Deus se realize é necessário que estejamos dispostos a abrir mão da vida*" que resolveram a equação que há já tanto tempo trazia comigo. Afinal de contas era isto a que eu estava agarrado: à vida, à minha vida. Estas palavras rasgaram-me por dentro e fizeram-me sentir mais leve, mais livre. Ou seja, se eu quero dar-me, então tenho de me dar todo e não apenas o que me sobra!

Esta liberdade faz-me percorrer o caminho do sacerdócio cheio de confiança. Ter medo de quê?

Coloco a minha vida nas mãos de Deus, disposto a fazer a Sua vontade e experimento que o seu amor é a fonte da verdadeira alegria.

Os quatro anos vividos no seminário dos Olivais têm sido isto mesmo: tempo de amadurecimento, tempo onde o Senhor foi purificando e trabalhando o meu coração, preparando-me para ser presença do Seu amor no meio do mundo.

Ao dar este passo sinto uma gratidão imensa para com o Senhor e também para com todos aqueles que me ajudaram a discernir e me encorajam a responder. A sua oração também me ajudará a ser fiel.

Ricardo Ferreira



RICARDO FREITAS

A PESSOA

Corria o ano de 1982, mais precisamente o dia 2 de Fevereiro, quando no Hospital Central do Funchal nasceu o Ricardo Freitas. Foi baptizado na paróquia da Lombada, em Santa Cruz, mas acabou por ir viver para o concelho do Machico, na paróquia de Nossa Senhora das Preces.

Oriundo de uma família católica, o Ricardo foi sendo iniciado na vida cristã. O despontar da sua vocação foi um processo contínuo, pois como ele próprio afirma: «desde pequeno me senti chamado para o serviço a Deus, nomeadamente como acólito».

Em 1992, tinha ele 10 anos, assistiu à ordenação do agora pároco da Sé, o Cónego Manuel Martins e sentiu o desejo de ser padre também.

Começou por frequentar o pré-seminário dos missionários dehonianos, que foram os que primeiro lhe apresentaram uma proposta de caminhada vocacional. Durante cerca de 5 anos, o Ricardo participou em frequentes encontros, mas acabou por desistir.

Algum tempo depois, o Cónego Manuel Martins falou-lhe do Seminário Diocesano e o Ricardo passou a frequentar o pré-seminário diocesano durante alguns anos.

Entrou para o Seminário Diocesano do Funchal no dia 30 de Setembro de 2002 e teve a oportunidade de fazer pastoral nas paróquias da Nazaré e Álamos, precisamente nos anos em que as suas igrejas foram dedicadas. Dois anos depois, quando chegou ao Seminário do Olivais, foi enviado para a paróquia de Cristo Rei da Portela e, posteriormente, para as paróquias do Milharado, Vila Franca do Rosário e Gradil.

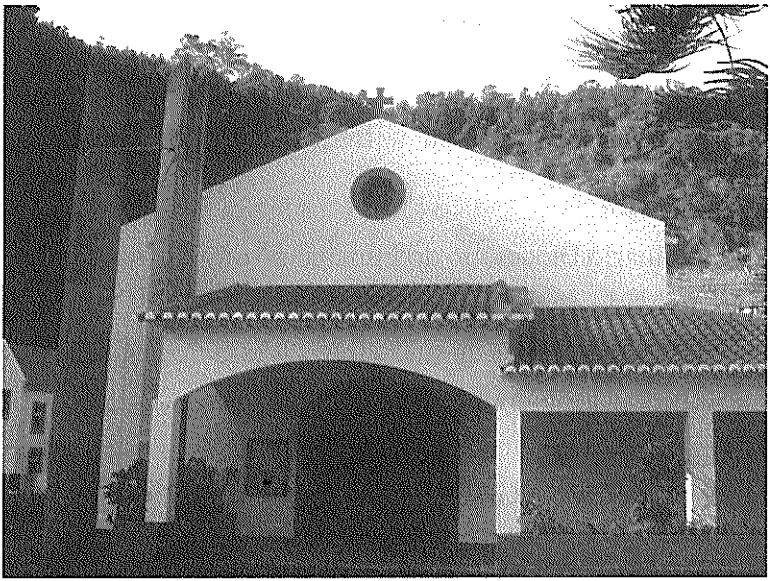
Resta acrescentar que o Ricardo, mais conhecido por "Machiqueiro" na comunidade do seminário, é um rapaz que mostra à flor da pele o orgulho de ser da Pérola do Atlântico e de Machico.

Pedro Nóbrega
3º Ano - Seminário dos Olivais

A SUA COMUNIDADE

A paróquia de Nossa Senhora das Preces foi canonicamente erecta por decreto de 24 de Novembro de 1960, do então bispo do Funchal D. David de Sousa, tendo sido desmembrada da paróquia de Machico. É constituída pelos sítios da Ribeira Grande e dos Maroços.

Foi seu primeiro pároco o Pe. Eduardo de Freitas Nascimento, que envidou logo esforços para erigir um edifício de culto para a comunidade paroquial. A Igreja Paroquial foi inaugurada no dia 5 de Setembro de 1965 por D. David de Sousa, numa celebração também marcada pela administração do sacramento da Confirmação.


Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Preces

No entanto, na manhã do dia 15 de Julho de 1978 a Igreja ruiu e foi necessário construir um novo templo. Viria a ser o Pe. Francisco Dias a realizar essa obra. O governo regional desde logo se prontificou a construir o novo edifício que veio

a ser dedicado no dia 18 de Março de 1984, pelo então bispo do Funchal D. Teodoro de Faria. Foi a primeira igreja por ele dedicada como bispo do Funchal. Nos últimos anos sofreu algumas obras de remodelação, quer no interior quer no exterior, para permitir uma maior funcionalidade. Também nos últimos anos, por iniciativa do actual pároco, o Pe. António Ramos, foi enriquecida com um painel de azulejos alusivo à padroeira. Mais recentemente, a paróquia foi beneficiada com a construção do Centro Social Paroquial, inaugurado no dia 5 de Setembro de 2002, que veio permitir à paróquia ter salas de catequese e criar um centro de dia para os idosos.

Desde a sua fundação que esta paróquia viu sair do seu seio vários filhos para o serviço da Igreja, nomeadamente um sacerdote diocesano, o cónego Manuel Martins, ordenado no ano de 1992 e actualmente pároco da Sé do Funchal e várias religiosas para as diversas congregações existentes na diocese e para outras. Neste aspecto é de realçar a realização pela primeira vez na paróquia, da profissão de votos perpétuos da Irmã Ana da Paz, na Fraternidade Franciscana da Divina Providência.

Esta paróquia teve ao longo destes anos vários seminaristas, não só no Seminário Diocesano do Funchal onde tem neste momento, o Luís Miguel, mas também no Colégio Missionário dos padres dehonianos. Quanto a grupos paroquiais, há a salientar além do Centro Social, a Conferência Vicentina, a Catequese, o Coro Paroquial, o grupo de Leitores, os Ministros Extraordinários da Comunhão, os Acólitos, as Confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora das Preces.

Ricardo Freitas

Um testemunho pessoal

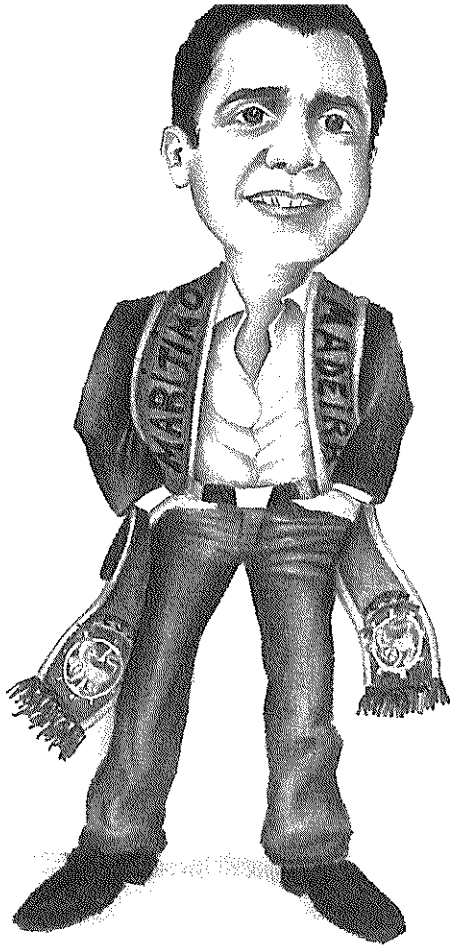
"Pela graça de Deus sou o que sou"

Nascido numa família católica, fui educado na fé cristã e habituado a ir à missa com os meus avós, desde pequeno. Aos seis anos, comecei a frequentar a catequese, onde tive a graça de encontrar catequistas que me deram o seu bom testemunho de dedicação à Igreja. Depois da primeira comunhão fui convidado pelo meu pároco a ser acólito. Também na escola primária recebi testemunhos de pessoas que viviam a sério a sua condição cristã, recordando principalmente os meses de Maio e de Outubro, em que ornamentávamos na sala de aula, um pequeno "altar" de Nossa Senhora de Fátima. Foi também na escola primária que tive contacto com os sacerdotes dehonianos que iam lá fazer promoção vocacional.

Em 2002, depois de algum tempo no pré-seminário, participei na semana de S. Jorge com outros seminaristas e o senhor bispo D. Teodoro. Foi aí que me decidi a entrar para o seminário. Esta nova etapa trouxe-me algumas dificuldades mas, com o tempo, fui aprofundando o sentido deste caminho de resposta ao chamamento do Senhor. Fui aprendendo a conhecer, a amar e a servir a Igreja, com o testemunho de vários sacerdotes que são para mim exemplos felizes de serviço e entrega.

A todos agradeço e peço a sua oração para que seja fiel ao dom que o Senhor me entregará na ordenação.

Ricardo Freitas



RUI CORREIA

A PESSOA

Rui de Freitas Correia nasceu na ilha da Madeira no dia 8 de Outubro do ano da graça de 1977, e foi baptizado na paróquia do Estreito da Câmara de Lobos no dia 11 de Novembro de 1977. É o décimo filho de

uma numerosa família de 11 irmãos. Aos quinze anos ficou órfão de pai. Nesta difícil situação foi para junto dos seus irmãos que se encontravam na Venezuela, para onde tinham emigrado em busca de uma vida melhor. Viveu em Puerto Cabello com um irmão, até aos dezoito anos. Com 16 anos já era sócio de um negócio, trabalhando numa padaria. Perante a sua dificuldade em aceitar a morte do pai e o vazio em que se encontrava, achou um refúgio nas artes marciais.

Aos 17 anos foi convidado por um amigo a assistir a umas catequeses do Caminho Neocatecumenal. O Rui nem sabe explicar porque aceitou o convite. Era baptizado, fizera a primeira comunhão e o crisma, mas a partir dali, como acontece a tantos jovens hoje em dia, tinha abandonado completamente a Igreja. O facto é que nessas catequeses Deus o "pescou" de novo e o Rui descobriu então um amor gratuito e profundo que não conhecia. A caminhada numa comunidade neocatecumenal ajudou-o a recuperar aos poucos a sua auto-estima e, reflectindo sobre a sua vida, veio a concluir que devia continuar a estudar. E assim fez. Aos 18 anos voltou à Madeira para junto de sua mãe com a intenção de se formar para voltar depois à Venezuela. Deus, porém, tinha outros planos para ele.

Regressando à Madeira, era claro para o Rui que seria bom inserir-se numa comunidade neocatecumenal para continuar a crescer como pessoa e como cristão. Quis a Providência que a sua paróquia fosse uma das primeiras em que o Caminho estava começando na Madeira, e ali se inseriu. Entretanto, fez um curso de hotelaria e turismo, aprendeu línguas e acabou por ficar na ilha pois encontrou trabalho como recepcionista de hotel. Conheceu então uma rapariga com quem começou a namorar. Tudo

na vida do Rui parecia orientar-se para o matrimónio, pois já era formado, trabalhava e namorava. Mas, da noite para o dia, Deus trocou-lhe as voltas. Caminhando na fé, o Rui ia-se tornando sensível à "voz de Deus". Antes de entrar na Igreja era impensável para ele questionar-se sobre o que Deus queria para a sua vida, pois nem sequer acreditava que Deus desse atenção aos seus problemas. Mas na Igreja reconheceu Deus como Pai amoroso e providente, e aprendeu a escutá-l'O e a conhecer a Sua vontade. No ano 2000 participou em Lisboa num encontro vocacional para jovens no pavilhão Atlântico, no Parque das Nações. Nesse encontro, o Rui sentiu que Deus o chamava a ser presbítero. Aceitou o chamamento, e a sua vida mudou radicalmente.

A 2 de Outubro de 2000 entrou no "Redemptoris Mater" de Lisboa, como um dos oito seminaristas fundadores deste novo seminário e o único português. Não foram fáceis para o Rui os seus primeiros passos como seminarista: romper com uma vida estável que seguia um rumo claro para o matrimónio foi motivo de grande sofrimento. Por outro lado, o seminário dava os primeiros passos: ainda não tinha uma estrutura definida, nem sequer uma casa para os seminaristas viverem juntos. No meio destas dificuldades, o Rui experimentou sobretudo a fidelidade de Deus: Ele que o chamou também o consolava animando-o a perseverar. Descobriu como o Senhor lhe ia dando aquilo de que necessitava, como um pai ao seu filho querido.

Nos anos que partilhámos juntos no seminário aprendi a apreciá-lo como um "irmão mais velho", às vezes suportando os seus defeitos, outras vezes admirando as suas virtudes.

Como complemento da sua formação para o ministério presbiteral, o Rui passou um ano na Domus Galilaeae e em Jerusalém, depois de ter integrado durante dois anos a Equipa de catequistas responsável pelas comunidades neocatecumenais do Norte de Portugal.

Alegro-me pelo "sim" do Rui ao chamamento de Cristo que é motivo de acção de graças ao Senhor, e estímulo para todos nós seus companheiros.

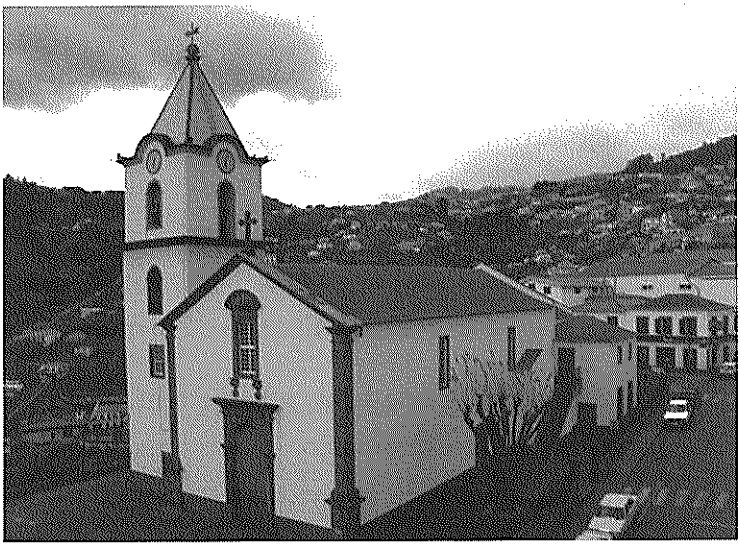
Ángel C.Pizarro
5º Ano - Seminário Redemptoris Mater

A SUA COMUNIDADE

A paróquia de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos foi criada nos alvores do século XVI entre 1509 e 1519. São conhecidos os nomes de todos os sacerdotes que a pastorearam ao longo destes quinhentos anos. Desde 1991, o padre Manuel Jorge Fernandes Neves é o seu quadragésimo pároco.

Situada na zona alta do concelho de Câmara de Lobos, é uma das áreas mais ricas e férteis de toda a ilha. Nela se cria, por exemplo, a maior parte das uvas com que é produzido o famoso vinho da Madeira. Dada a sua grande extensão geográfica e o seu crescimento populacional, esta paróquia foi sub-dividida em quatro por decreto episcopal de 24 de Novembro de 1960, dando origem às paróquias do Garachico, da Encarnação e de São Tiago, ficando então com quatro mil almas. Tem habitualmente três missas dominicais com a igreja completamente cheia.

Festeja a sua padroeira, Nossa Senhora da Graça a 15 de Agosto, e realiza no domingo anterior a festa do Santíssimo Sacramento. É famosa também pela procissão do Enterro do Senhor em sexta



Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Graça

feira santa à noite, que reúne milhares de pessoas.

É uma comunidade paroquial bastante viva de onde têm surgido numerosas vocações sacerdotais e religiosas. Tem as Confrarias do Santíssimo e de Nossa Senhora e também Equipas de casais. As suas quatro comunidades neo-catecumenais estão impregnando com o dinamismo da nova evangelização esta paróquia que, guiada pelo seu pároco, enfrenta confiadamente as dificuldades próprias do tempo actual.

Rui Correia

Um testemunho pessoal

Vejo, ao fim destes anos de formação, que Deus continua a chamar-me pelo nome. À partida, ser padre não era um projecto meu, mas escute o chamamento do Senhor e, por amor d'Ele, aprendi a renunciar. Por sua vez, Ele foi alargando os meus horizontes, revelando-me algo dc comprimento e da largura, da altura e da profundidade do Seu amor.

Há uma palavra de Jesus que me tem acompanhado já desde antes da minha entrada no seminário: "quem ama a sua vida neste mundo, irá perdê-la, e quem perde a sua vida neste mundo por causa de Mim e dc Evangelho, encontrá-la-á". Ainda que por vezes haja da minha parte uma resistência a esta palavra, sinto que ela encerra uma verdade profunda que tem estruturado a minha nova maneira de viver. Acredito que a felicidade está em abrir-me ao plano de Deus. Acredito que Deus é amor, que me ama concretamente a mim, e sei que se Ele me pede para renunciar a tanta coisa boa é porque tem para mim algo de mais excelente. Neste tempo em que tantas pessoas vivem como se Deus não existisse. com o céu completamente fechado, sinto que a maior e mais urgente tarefa é c anúncio do amor de Deus às pessoas, o anúncio do perdão dos pecados, da paz e da alegria que Jesus Cristo nos oferece na Sua Igreja. Isto que eu recebi, vejo-o acontecer também na minha família. É isto que eu desejo anunciar com as minhas palavras e com a minha vida àqueles a quem fo enviado.

Rui Correia

Assembleia
Presbitério de Lisboa
Fátima 28 e 29 Janeiro 2009



TESTEMUNHOS

COM OS MESMOS SENTIMENTOS DE CRISTO

Cónego Nuno Brás da Silva Martins

O convite que S. Paulo dirigiu aos *Filipenses:* "Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus" (*Filp* 2,5) serviu de mote para a Assembleia do Presbitério de Lisboa, realizada em Fátima, nos dias 28 e 29 de Janeiro passado. No ano do jubileu paulino, o convite do Apóstolo ressoou aos nossos ouvidos não só como uma interpelação para uma vida cristã de contínua conversão ao Senhor, como também para um aprofundamento dos sentimentos de pastor que fazem mover o coração de Jesus ao olhar a multidão cansada e abatida (*Mt* 9,36). Ao mesmo tempo, o pedido de S. Paulo foi ainda um convite à união a Cristo e em Cristo, que deve caracterizar a vida do presbitério.

Convocada pelo Cardeal Patriarca D. José Policarpo, secundando o insistente pedido de alguns sacerdotes, a Assembleia reuniu 280 presbíteros que trabalham na pastoral da diocese, ainda que membros de Congregações religiosas, de outros Institutos de vida consagrada, ou provenientes de outras dioceses ou prelaturas. Nela participaram também os seminaristas diocesanos (do Seminário dos Olivais e do Seminário Redemptoris Mater), a partir do 3º ano de Teologia.

Na memória da maioria dos participantes estavam ainda os momentos da anterior Assembleia, igualmente realizada em Fátima, durante o Grande Jubileu do ano 2000.

A preparação da Assembleia foi realizada em estreita ligação com o Conselho Presbiteral. Com efeito, foi este Conselho que indicou os nomes da Comissão Preparatória, depois nomeada pelo Senhor Patriarca (constituída pelos Padres Peter Stilwell; Francisco Tito; José Traquina; Luís Alberto Carvalho; Mário Rui Pedras; Ricardo Raínho; Paulo Franco; Rui Pedro Carvalho; Nuno Brás Martins), e foi a partir dos seus delegados – e como preparação para a sessão de 25 e 26 de Novembro de 2008 – que o presbitério foi convidado a encontrar os caminhos por onde passará a vida da nossa diocese nos próximos tempos: num tempo de "crise" económica e moral, a Igreja é convidada a ser "sinal do Deus da esperança", encontrando no Evangelho as forças que dão ânimo e sentido à sua existência.

Desde o início, foi claro para a Comissão Preparatória que o importante não seria o debate sobre qualquer aspecto doutrinal ou pastoral, e muito menos a tomada de decisões sobre algum assunto, ainda que fulcral para a vida diocesana. Tratava-se antes de celebrar a realidade que somos: um presbitério, por vontade e chamamento de Deus, para o serviço da Sua Igreja. Como pano de fundo de toda a Assembleia estiveram a Carta Apostólica *Novo Millenium Ineunte* do Papa João Paulo II e a Carta Pastoral do Senhor Patriarca *A Igreja no tempo e em cada tempo*.

O Senhor Patriarca deu início aos trabalhos com uma intervenção de fundo sobre *A comunhão do presbitério na Igreja comunhão*. Nela, convidou a todos a percorrer como pastores da Igreja os caminhos que sejam hoje expressão da fidelidade de Jesus, certos de que, como afirma a *Pastores dabo vobis* n. 16, "enquanto representa Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, o sacerdote coloca-se não apenas na Igreja mas também perante a Igreja". Sublinhando que somos servidores da Igreja mistério, comunhão e missão, o Senhor

Patriarca ressaltou algumas virtudes que devem hoje caracterizar o pastor: a caridade, a obediência, o discernimento e a generosidade.

Da parte da tarde, depois do trabalho de pequenos grupos que se fez eco das interpelações do Senhor Patriarca, o Senhor Bispo do Porto, D. Manuel Clemente, apresentou três figuras de sacerdotes do presbitério de Lisboa que se distinguiram pela disponibilidade, acolhimento, e vida santa e dedicada a Deus e à Igreja: o P. Joaquim Maria de Sousa, o P. Carlos Santos e o Cón. Figueiredo Sarmento.

No dia 29, começámos por escutar cinco testemunhos de vidas sacerdotais do presbitério (P. Filipe Santos, P. Vítor Gonçalves P. Francisco Duarte dos Santos, P. Valentim Gonçalves e Cón. João Seabra), que sublinharam como o agir do Senhor supera as expectativas e os planos humanos. Depois, a Assembleia dedicou um longo tempo à adoração eucarística, durante o qual os que o desejaram puderam celebrar o sacramento da Penitência.

Já da parte da tarde, o Senhor Patriarca respondeu a algumas questões surgidas no trabalho de grupos do dia anterior para, de seguida, todos nos dirigirmos à Capelinha das Aparições, onde teve lugar o acto de consagração do Presbitério diocesano a Nossa Senhora: "Vimos entregar nas vossas mãos – disse o Senhor Patriarca em nome de todos – o nosso desejo de servir, as nossas infidelidades e fraquezas que humildemente reconhecemos, as alegrias de que damos graças, os ideais que mobilizam o nosso coração e nos permitem abraçar o nosso futuro com esperança". E terminava: "Confiantes, entregamos ao vosso regaço materno o nosso sacerdócio, para os homens do nosso tempo, para uma Igreja que busca na fé os caminhos do Reino numa sociedade e numa

:ultura que parecem antagónicas a esse Reino. Para nós, para a nossa Igreja, ɔara todos os homens e mulheres a quem somos enviados, *monstra te esse natrem*, mostrai que sois nossa Mãe!".

De destacar ainda as celebrações litúrgicas que marcaram as diferentes ıoras dos dois dias de Assembleia, celebradas na "nobre simplicidade" ecomendada pelo Concílio. De modo particular, ficou certamente na nemória de todos a Eucaristia final, celebrada nas naves do Mosteiro de Alcobaça, com a presença não apenas de praticamente todos os participantes ıa Assembleia como também de muito povo de Deus que, desta forma, se quis ıssociar na oração ao presbitério diocesano e ao seu Bispo.

Deus continua hoje a realizar maravilhas, e as suas obras são sempre naiores que aquilo que nós, seres humanos, pecadores e frágeis, possamos ılguma vez construir por nós, ou sequer esperar.

Pe. Carlos Miguel Gonçalves

Foi a minha primeira Assembleia do Presbitério e, também por isso, fui ganhando mais entusiasmo à medida que o tempo passava, desde a carta convocatória do dia 17 de Dezembro. Apesar de não levar especiais expectativas, confesso que fui muito agradavelmente surpreendido. Não nos juntávamos para decidir nada. Nem para acertar critérios pastorais e de actuação. Apenas para vivermos a comunhão que nos une sempre, mas que raramente se torna visível com tal dimensão e profundidade.

Já no começo, o P. Peter Stilwell dizia que estávamos sem preocupação por chegar a conclusões ou por falar à comunicação social queríamos, isso sim, dar um passo mais para chegar a ter os *mesmos sentimento: de Cristo*, mote da Assembleia.

Muito marcante foi a palavra que o Senhor Patriarca dirigiu no início aos seus padres intitulada "A comunhão do Presbitério na Igreja comunhão" Logo no começo nos dava o objectivo: "Convoquei-vos para esta Assembleia para meditarmos, aprofundarmos e sentirmos o mistério que nos une e faz de nós um corpo, o Presbitério de Lisboa". Depois, de uma forma tão profunda e até comovente, desenvolveu vários aspectos da comunhão de consagração e de missão que se manifesta no ministério do bispo e dos padres de Lisboa. Recordo apenas os títulos: servidores da Igreja mistério, servidores da Igreja comunhão, servidores da Igreja missão. Terminou anunciando algumas virtudes que desejava para todos nós: a caridade, a obediência, o discernimento e a generosidade pastorais.

Evitando ser demasiado descritivo, queria referir-me ainda a alguns dos outros momentos desta Assembleia.

Fomos presenteados com uma intervenção de D. Manuel Clemente, bispo do Porto, que o próprio reintitulou de "Padres que o foram também para os outros padres". Apresentou-nos figuras de padres que já não estão entre nós e que podem ser boas referências de vidas entregues ao ministério: Pe. Joaquim Maria de Sousa, Pe. Carlos dos Santos, OP, e Cón. António Figueiredo Sarmento.

Antes disso, houve tempo para trabalhos de grupos, cujo objectivo final imediato era endereçar perguntas ao Senhor Patriarca no tempo que

haveria para isso. Apesar desse momento de perguntas dos grupos e respostas do nosso Bispo ter sido, para mim, o menos conseguido da Assembleia, ainda assim valeu pelos grupos em si, por mais uma vez sentirmos este espírito de comunhão e abertura que poucas vezes experimentamos com esta abrangência.

Olhando para trás, até custa a crer que tudo isto coube em dois dias. Mas ainda havia mais.

Tivemos o testemunho de vida e ministério de cinco padres. O que se pretendia era que pusessem em destaque momentos e situações em que tivesse ficado especialmente clara a desproporção entre os meios pastorais por eles empregues e os "resultados" obtidos, sobretudo se inesperados. Foi muito enriquecedor escutá-los nas suas diferenças de idade, sensibilidade, percurso pessoal e pastoral, proveniência. A comunhão não é só unidade, também diversidade na unidade.

Também nos momentos de oração e na liturgia esta Assembleia foi bem sucedida, com a qualidade que os nossos seminaristas ajudaram a garantir, e com momentos fortes vividos em comum. Aqui destaco o tempo de adoração do Santíssimo Sacramento com a possibilidade de confissões. Mas, sobretudo a consagração que o nosso Presbitério pela boca da sua cabeça realizou aos pés de Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições.

Terminámos no grande mosteiro de Alcobaça, com a Eucaristia de encerramento e com um belíssimo jantar.

Acredito sinceramente que esta Assembleia foi um dom do Senhor à nossa Diocese. Dará com certeza ainda muitos frutos. Mesmo tendo presente

a escassez de clero também referida, penso que podemos esperar um novo impulso para o ministério dos pastores desta Diocese, uma maior comunhão entre os padres e dos padres com o seu Bispo. Assim o bom espírito que se viveu naqueles dois dias em Fátima possa ser levado pelo Senhor para as nossas vidas!



Pe. Rui Pedro Trigo Carvalho

Foi com grande alegria e entusiasmo que participei pela primeira vez numa Assembleia do Presbitério de Lisboa. Não posso deixar de partilhar que para mim esta assembleia começou mais cedo, pois tive a graça de fazer parte da equipa que organizou este evento. Foi com gratidão que aceitei o desafio de colaborar na organização deste momento tão significativo para a nossa Igreja.

O meu primeiro sentimento na assembleia foi de uma profunda comunhão com todos os sacerdotes: mais velhos e mais novos, vindos das várias partes do Patriarcado, com experiências pastorais tão variadas, reunidos num encontro de irmãos, um encontro de família. A carta que o Sr. Patriarca escreveu aos sacerdotes convidando-os para a assembleia colocava-nos já a viver e a desejar este encontro. Dizia-nos que sentia a necessidade de nos sentir consigo em Cristo, para a construção do seu corpo que é a Igreja.

Neste ano paulino o tema escolhido para a Assembleia, foi tirado de uma exortação de São Paulo: "*Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo*

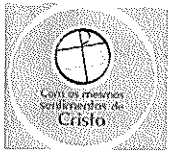
Jesus" (Fil 2,5). O tema não era apenas uma frase bonita, mas a verdade do nosso ministério. Sintetizava o objectivo deste encontro e lançava-nos para a nossa missão que só se entende na comunhão profunda com Cristo, com o nosso Bispo e com todo o Presbitério. O Sr. Patriarca dizia-nos que não somos um conjunto de padres mas um só Presbitério unido num só ser, numa só missão. Sentirmo-nos um só apesar da diversidade de carismas, de feitios, de sensibilidades, unidos num só corpo é experimentar a Igreja a acontecer. O bom ambiente que vivíamos e vivemos é sinal disso mesmo.

Tocaram-me as palavras do nosso Patriarca quando nos dizia que a sua fidelidade e a nossa se entrecruzavam, e que por isso as nossas infidelidades são tão sentidas como as suas. E pensava que na verdade, somos co-responsáveis não só pelo povo que nos é confiado, mas muito em especial pelos irmãos no sacerdócio. É este mistério da comunhão que nos faz participar nos sofrimentos uns dos outros, como também nas alegrias. Senti de forma muito forte que a minha fidelidade edifica a Igreja e as minhas infidelidades debilitam esta obra de Deus. Cumpre-se mais uma vez o que São Paulo diz na segunda carta aos Corintios: "*Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso*" (2Cor 4,2)

Esta experiência deixa-me um renovado entusiasmo no ministério que Cristo e a Igreja me confiaram. Trago comigo, bem gravadas no meu coração, as palavras que Paulo escrevia a Timóteo: "*Por isso recomendo-te que reacendas o dom de Deus que se encontra em ti, pela imposição das minhas mãos, pois Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de bom senso.* (2Tim 1, 6-7)

No final da assembleia foi belo ver o presbitério de Lisboa a espalhar-se pela Diocese nos vários serviços e missões: paróquias, escolas, capelanias

hospitalares e prisionais, movimentos, meios de comunicação e tantos e tantos lugares onde a Luz de Cristo chega através da fragilidade de cada um de nós. É belo ver acontecer o mandato de Jesus: *Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos."* (Mt28, 19-20)



Diác. Moisés H. Jiménez

Para mim que estou para ser ordenado presbítero e que venho de fora da diocese, estes dois dias em que a realidade do presbitério diocesano de Lisboa se tornou mais visível foram uma agradável surpresa, e ajudaram-me a aterrar, a concretizar: " aqui está o presbitério de que faço parte", dizia-me a mim mesmo, "é com estes que vou ser padre."

Este encontro ajudou-me a enraizar mais profundamente uma certeza que sempre me acompanhou ao longo destes anos de formação: a Igreja é uma comunhão de irmãos que nasce da vitória de Cristo sobre a morte, comunhão que o Espírito realiza naqueles que a acolhem na fé para depois a semearem e cultivarem na vida dos seus irmãos. É possível, apesar das debilidades e pecados de cada um, sermos um só corpo vivificado pelo Espírito de Cristo na verdade e na caridade que tudo integra, harmoniza e conjuga. A comunhão do presbitério é fundamental para que a Igreja se transforme naquela "casa e escola da comunhão" que João Paulo II nos

deixou como tarefa prioritária no início deste novo milénio para que seja, de facto, o sacramento de salvação pelo qual o mundo, acreditando, encontrará a Vida verdadeira.

Nesta assembleia cultivámos a comunhão orando, reflectindo e convivendo. Marcaram-me as palavras com que D. José Policarpo, abrindo-nos o seu coração de pastor, nos convidou a sermos fiéis aos dons da graça que Deus nos dá para anunciarmos o Evangelho, presidirmos à celebração dos sacramentos, e sermos guias dos nossos irmãos.

A intervenção de D. Manuel Clemente foi também um momento altamente significativo, ao evocar a vida de três padres que marcaram muito positivamente o presbitério diocesano.

Estes dias em que, para usar a expressão do actual bispo do Porto, "não empurrámos o tempo", ajudaram-nos a criar e a fortalecer os laços da comunhão: a imagem deste presbitério, com toda a sua diversidade mas unido ao bispo diocesano, ficou profundamente gravada em mim e guardo-a como um memorial.



Miguel Pereira

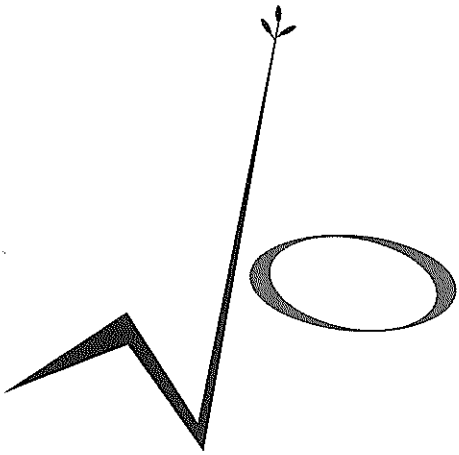
Ano e meio antes de ser ordenado padre e entrando já gradualmente no presbitério diocesano, foi com muita alegria que recebi o convite, feito ao Seminário dos Olivais, para estar presente na Assembleia do Presbitério e ajudar no que fosse necessário.

Testemunhei a alegria do reencontro de tantos padres, ouvi as suas palavras, vi os seus rostos, uns com mais rugas que outros, senti-me bem no meio daqueles homens que vivem diariamente a realidade concreta da Igreja de Lisboa.

Desta assembleia ficaram-me na memória as várias celebrações, não só da Eucaristia mas também da Liturgia das Horas. Mas houve dois momentos que guardo especialmente: um deles foi a conferência do D. Manuel Clemente, que me renovou o chamamento do Senhor a ser Santo e a testemunhar o seu amor não só ao povo de Deus mas também aos irmãos padres. Um dos presbíteros que o D. Manuel nos indicou como exemplo foi o Padre Joaquim Maria de Sousa, original da Paróquia da Atouguia da Baleia, de onde sou natural. E do testemunho deste Padre guardei como desafios o serviço humilde e dedicado a Cristo e à Igreja, com a serenidade e o realismo de quem vê o mundo com os olhos de Cristo. Já tinha ouvido falar do Padre Joaquim Maria de Sousa, e acerca das suas virtudes também já tinha escutado muitas histórias, mas saber que é da minha paróquia alegrou-me e motivou-me sobremaneira.

O segundo momento foi a mesa redonda com os padres. Apesar de ter sido pouco tempo, ajudou-me a ver alguns dos problemas da diocese e o modo como o Senhor Patriarca respondia. Esta co-responsabilidade dos padres e a solicitude do Senhor Patriarca para com eles deixou-me feliz. Foi bom ver a confiança e a franqueza com que este diálogo é feito.

Motivou-me muito esta relação entre os padres e o nosso bispo. Na próxima assembleia lá estarei, se Deus quiser, como membro de pleno direito.



CRÓNICA

(1º semestre 2008/2009)

Setembro

Convocados pelo Senhor para mais um ano de Seminário, regressámos no dia dez de Setembro. Inaugurámo-lo com a oração de Vésperas e com a celebração da Eucaristia, centro de toda a vida cristã e fonte da verdadeira comunhão com que se edifica a nossa Comunidade do Seminário.

Este é também o tempo em que vivemos a alegria do reencontro, numa comunidade que anualmente se renova com a chegada dos novos seminaristas do terceiro ano: o "Curso de São Bruno", constituído pelo David Palatino, o Duarte Morgado e o Duarte Andrade e Sousa, que transitam de São José de Caparide, e quatro seminaristas do Funchal - o Rui Silva, o Paulo, o

Fábio e Pedro Nóbrega, a que se juntam o Diogo Correia e o Fernando Santos, já seminaristas dos Olivais, o Thomaz Fernandez, do Patriarcado de Lisboa mas a estudar em Roma, e o Samuel Pulikal, da Diocese de Cochim, na Índia.

Quisemos começar o ano em ambiente paulino, com uma peregrinação a pé ao Santuário Jubilar de Salvaterra de Magos, na Diocese de Santarém. Iniciámos a caminhada na capela de Nossa Senhora de Guadalupe do Porto Alto, com o acender do "Círio Paulino" ao som do hino "Paulo Servo de Cristo". A primeira paragem foi na magnífica igreja barroca de Nossa Senhora da Oliveira de Samora Correia, após o que tivemos uma pequena merenda. Seguimos para Benavente, onde saudámos Nossa Senhora da Paz na sua igreja e fizemos um "pic-nic" no jardim fronteiro. Atravessando depois a verde lezíria do Rio Sorraia, eis que chegámos à meta: a Igreja de São Paulo, templo barroco, onde se destaca a imagem do Apóstolo, seu padroeiro. Acolhidos pelo Prior, celebrámos missa com a comunidade local, que assim se quis associar à nossa peregrinação. Tempo ainda para a foto de grupo e visita à Capela Real do antigo Paço de Salvaterra. Mas havia que regressar, pois aguardavam-nos as reuniões preparativas do arranque do ano no Seminário.

No dia seguinte, tivemos a habitual "saudação de abertura do ano" pelo Senhor Reitor que, a partir de São Paulo, fez uma reflexão sobre alguns pontos centrais da nossa formação, como o estudo da teologia, que não pode senão partir e radicar em Cristo, a espiritualidade e prática litúrgica, sem esquecer a vida comunitária. Foi também o momento de apresentar o calendário geral com os eventos para o novo ano, bem como algumas adaptações dos horários comunitários. Já pela tarde, teve início a nossa primeira recolecção do ano com o Ofício de Leituras. Na pregação, o Padre João Marcos desafiou-nos a perceber se

nestes tempos, de profunda crise, queremos ser os refundadores da Igreja ou os coveiros da Igreja, com um veemente apelo à conversão, escutando e pondo em prática a Palavra.

O serão de quarta-feira, dia dezanove, foi preenchido pela "partilha de férias", não só dos vários cursos, mas também individuais, com especial destaque para a "reportagem" sobre o Encontro Mundial da Juventude de Sydney, a cargo do Padre Carlos Miguel. Na quarta-feira, dia vinte e quatro, realizou-se a Assembleia-Geral da Associação Monsenhor Pereira dos Reis, com apresentação do relatório e contas do ano transacto e eleição dos novos órgãos directivos.

Este foi o mês de Missas Novas no Seminário, regressando os novos padres a esta sua casa para connosco dar graças pelo dom do sacerdócio que o Senhor neles concedeu à Sua Igreja. Acompanhámo-los também no início das suas missões pastorais, concretamente o padre Abel Mateus e o padre Marcelo Boita nas tomadas de posse como párocos.

Esteve ainda connosco Raymond de Souza, Director da Human Life International para os países de língua portuguesa, uma das mais importantes associações "pró-vida" mundiais. Grande comunicador, falou-nos da difusão de uma "cultura da morte" no mundo inteiro e no papel da Igreja face a esta realidade. Alertou-nos ainda para o perigo, muitas vezes dissimulado, de um esforço político mundial orientado para a destruição da família, através da contracepção, do incentivo ao aborto, à eutanásia e ao divórcio, que visa a desfiguração e destruição do Cristianismo.

Outubro

Domingo, dia cinco, a comunidade acompanhou o Padre Luís Alberto na sua nova etapa pastoral, agora servindo a "Igreja da Cidade" como Prior de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa.

A vinte e cinco de Outubro, celebrou-se o Solene Pontifical da

Dedicação da Sé de Lisboa, que aviva em nós não só um sentimento de comunhão com a Igreja Universal, mas também a memória de todos aqueles que sempre associaram à construção de um país a edificação da Igreja de Cristo, aqui há precisamente oitocentos e sessenta e um anos.

Durante estes dias, na Universidade Católica, decorreram as "Jornadas Balthasarianas", com o lançamento do livro do eminente teólogo Urs von Balthasar "O amor é digno de Fé", oportunidade privilegiada para aprofundar o seu pensamento. Tivemos também, no Seminário, a apresentação do documentário "Inverno Demográfico: o declínio da família humana" pelo Presidente da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, Dr. Fernando Castro, pai do nosso colega Marcos Castro. Com base em testemunhos de peritos de todo o mundo, mostrou como as sociedades com uma reduzida influência da família são vistas agora como estando com sérias ameaças a nível social e económico, já que estamos a viver um momento nunca acontecido na história, com as taxas de fertilidade abaixo dos níveis de reposição.

Já no final do mês, no auditório da igreja de São João de Deus, participámos numa mesa-redonda com o Cardeal Christoph Schönborn, Arcebispo de Viena, e o Senhor Patriarca, onde se debateram algumas questões relacionadas com a "Nova Evangelização" e o lugar da Igreja na Cidade. O Cardeal Schönborn lembrou que, apesar da crise da nossa sociedade, as raízes cristãs da Europa estão vivas. Não nos sugeriu grandes esquemas pastorais institucionalizados, mas tão somente abrir as portas das nossas igrejas, fazer delas espaços belos, de acolhimento e de encontro privilegiado com Jesus Cristo.

Por fim, quarta-feira, dia trinta e um, os candidatos ao Diaconado fizeram a sua "Profissão de Fé" e "Juramento de Fidelidade" perante a Igreja, nesta parcela formada pela nossa Comunidade.

Na primeira quarta-feira comunitária de Outubro, o Cónego Francisco Tito regressou ao Seminário, casa onde foi Vice-Reitor durante largos anos e que "será sempre sua", como frisou o Senhor Reitor, para nos dar o seu testemunho de padre, agora que celebra o jubileu sacerdotal (vinte e cinco anos). Nas quartas-feiras que se seguiram, tivemos oportunidade de visitar o Museu do Azulejo e, dando continuidade ao ciclo "Conhecer Algumas Realidades Eclesiais", tivemos depois a apresentação dos "Cursilhos de Cristandade" pelo casal Carvalho da Silva, de Torres Vedras. Por fim, tivemos o primeiro encontro do ciclo temático "Ser Missionário Hoje" com o Padre Daniel Henriques, que se prolongou por mais duas quartas-feiras.

Novembro

Logo no dia quatro, na Universidade Católica, participámos na conferência do Cardeal Stanislaw Dziwisz, Arcebispo de Cracóvia e antigo secretário pessoal do Papa João Paulo II, que inaugurou também a exposição "Karol Wojtyla - a fé, o caminho, a amizade - excursões com os amigos (1952-1954)", que nos recordou, em belíssimas imagens, o saudoso Santo Padre.

No dia oito, Sábado, realizou-se o tradicional "Magusto dos Seminários", em Penafirme, com castanhas, água-pé e o sempre aguardado torneio de futebol, não tendo os Olivais, contudo, conseguido revalidar o título. Caparide e Redemptoris Mater levaram a melhor, partilhando a glória do troféu conquistado.

Quarta-feira, dia doze, tivemos a presença de Zita Seabra, que nos falou da história de Portugal dos últimos quarenta anos. Deixou-nos um testemunho de vida que impressiona pelo desassombro com que assume corajosamente o seu passado de militante comunista e pelo acontecimento, surpreendente e inesperado, do seu encontro com Cristo.

Na recolecção de Novembro, pregada pelo Padre Luís Alberto em plena "Semana dos Seminários", fomos convidados a ter, como o Senhor, "compaixão pela multidão", sabendo que em Jesus esta compaixão vai até à entrega da própria vida, que é exactamente aquilo que pede aos que escolhe para apascentar o Seu rebanho.

No final dessa semana, pelo segundo ano consecutivo, foi celebrado entre nós o "Dia dos Seminários Diocesanos", abrindo-se as portas para um grande encontro de amigos do Seminário, com várias actividades que preencheram toda a tarde. Na oração de Vésperas, presidida pelo Senhor Patriarca, a nossa capela acolheu centenas de pessoas, unidas em oração pelos seminários e pelas vocações sacerdotais.

O "Ciclo do Reitor", dedicado à Liturgia, decorreu ao longo dos serões de três quartas-feiras e constituiu uma oportunidade para reflectirmos em conjunto um tema que está no coração da vida da Igreja. Levou-nos a meditar, sobretudo, a originalidade do culto cristão e como expressamos e vivemos essa novidade na nossa vida, que deve ser ela própria liturgia santificada pelo Espírito Santo.

No dia vinte e três, Solenidade de Cristo Rei, orago do Seminário, teve lugar a "Festa dos Pais". O dia começou com uma visita guiada ao Seminário, orientada pelos próprios seminaristas, após o que celebrámos a Santa Missa, presidida pelo Senhor Reitor. Depois do almoço, na sessão cultural, foi apresentada a Comunidade deste ano, cantando-se algumas peças corais. Terminámos com a representação do "Auto da Barca do Inferno", encenado, produzido e representado pelo grupo "Karol Wojtyla", o novo grupo de teatro do Seminário, aqui em estreia absoluta e que alcançou um enorme êxito.

Nos últimos dias de Novembro, o sexto ano do Seminário partiu para o retiro de preparação

para a Ordenação Diaconal que se aproximava. A eles nos unimos em oração, particularmente na sexta-feira, com uma vigília na Sé Patriarcal.

Dezembro

O primeiro Domingo do Advento, dois de Dezembro, foi dia de especial graça para a Igreja de Lisboa com as Ordenações Diaconais na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, a que presidiu o Senhor Patriarca. Foram ordenados o Ricardo Ferreira e o Carlos Pinto, do nosso Seminário, e o Moisés, do Seminário Redemptoris Mater.

O Seminário Menor de Penafirme celebrou, no dia oito de Dezembro, a Festa da Senhora da Graça, sua padroeira, a que se associaram as comunidades dos restantes Seminários do Patriarcado de Lisboa e muitos familiares e amigos dos seminaristas. O Senhor chama e é reconfortante ver a coragem e a alegria com que alguns rapazes respondem, o que para o mundo é uma verdadeira loucura.

O serão comunitário de dia dez contou com a presença do Dr. Francisco Sarsfield Cabral, que nos veio falar sobre a situação política e económica internacional, em concreto sobre a complexidade da presente crise mundial, cujas consequências são imprevisíveis.

Para nos ajudar a viver o Advento, o Padre João Marcos apresentou uma exposição sobre gravuras alemãs de temática Mariana dos séculos XV e XVI, convidando-nos a contemplar neste tempo a figura de Maria, a "Virgem da Espera". Depois, no dia dezasseis, apresentou-nos a pintura de Natal que figuraria na entrada do Seminário, fazendo a sua leitura iconográfica, plena de simbolismo.

Já no dia dezassete, tivemos a habitual Festa de Natal do Seminário, que reuniu todos os que aqui vivem ou trabalham. Interpretaram-se alguns trechos corais e a peça "Os Três Reis do Oriente", numa adaptação do conto homónimo de Sofia de Mello Breyner pelo Hugo Gonçalves e pelo Fernando Escola.

Concluído o primeiro semestre de aulas, celebrámos a Solenidade Nascimento de Jesus nas Igrejas Locais, com os nossos Bispos. Em Lisboa fizemo-lo em Comunidade, na Sé e no Seminário, onde partilhámos a tradicional ceia ao redor da lareira. No dia de Natal, após a Missa, juntámo-nos então às nossas famílias e comunidades de origem para uns dias de férias.

Este período festivo foi especialmente vivido na Diocese do Funchal, com a instituição do Hugo Gomes no Ministério de Acólito.

Janeiro

Regressámos ao Seminário no dia quatro de Janeiro, Solenidade da Epifania do Senhor, após uns dias de férias, que nos retemperaram para o período de exames que se iniciava e a que as ceias-convívio de quarta-feira dão um sabor e uma animação especial.

Na Recolecção deste mês, o Padre João Marcos desafiou-nos a viver todo o segundo período à luz do renovar das promessas do nosso Baptismo, que concretizaríamos na Páscoa da Ressurreição. Celebrámos depois o Padroeiro Principal do Patriarcado, São Vicente, com a Missa Solene e a veneração das suas relíquias na Sé, precedida pela hora de Vésperas, que o curso do terceiro ano do Seminário cantou na capela do seu patrono.

Dia vinte e cinco, Domingo, participámos na Peregrinação Paulina a Fátima, peregrinação nacional com uma fortíssima participação do clero e fiéis do Patriarcado de Lisboa, presidida por D. Antoine Audo, Bispo de Alepo, na Síria. Que frio passámos! Reconfortou-nos o caloroso acolhimento das Auxiliares do Apostolado, onde almoçámos, oportunidade para conhecer melhor a sua obra, mas também para rezar na sua lindíssima capela, onde cantámos o "Salve Regina".

Na mesma semana, nos dias vinte e oito e vinte e nove, a Comunidade de Seminário teve o privilégio de participar em Fátima na

"Assembleia do Presbitério de Lisboa", que nos proporcionou uma experiência de verdadeira comunhão, penetrando no mistério desse corpo configurado a Cristo Sacerdote que se perspectiva no horizonte da nossa caminhada.

Já no último dia do mês tivemos a "revisão do semestre" pelo porta-voz de cada curso, fazendo eco das dificuldades sentidas nesse período, mas também, e sobretudo, das imensas alegrias que vamos experimentando e que reforçam o desejo de seguir o Senhor e de entregar as nossas vidas nas Suas mãos.

Fevereiro

Nos dias quatro e cinco, o Seminário participou nas exéquias do Senhor D. António dos Reis Rodrigues, Bispo Auxiliar do Patriarcado, celebradas com a alegria serena de ver partir um verdadeiro Servo de Deus, que nos deixou um testemunho eloquente de amor e serviço à Igreja, no concreto da sua amada Diocese de Lisboa.

Logo depois, houve festa na Diocese de Santarém: no dia oito o Ricardo Pinto foi instituído no Ministério de Acólito por D. Manuel Pelino no decurso de uma celebração realizada na Paróquia da Sagrada Família do Entroncamento, sua comunidade de origem. Foi uma ocasião duplamente festiva pois celebravam-se também os setenta e cinco anos da Paróquia, agraciada com o dom de várias vocações sacerdotais.

Tendo decorrido em Outubro o Sínodo dos Bispos sobre "A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja", no serão de quarta-feira, dia dezoito, tivemos o privilégio de ouvir, na primeira pessoa, o testemunho de D. Anacleto Oliveira, que nele participara. Partilhou connosco alguns dos riquíssimos momentos aí vividos, comentando ainda os documentos dos Padres Sinodais.

E eis que foi chegado o "Tempo Santo da Quaresma", tempo sempre aguardado, que o Senhor nos concede para empreender com

Ele um caminho novo de conversão, iluminado pela luz redentora do Mistério Pascal. Começámo-lo com o gesto simbólico da "Imposição das Cinzas" pelo Senhor Patriarca na Sé, onde regressámos no Domingo seguinte para escutar a primeira das "Catequeses Quaresmais" do Senhor Patriarca, que, neste ano, tiveram como tema "A Palavra Criadora e a Redenção".

Março

Aprofundando a vivência quaresmal, na primeira semana de Março realizámos o nosso retiro, que decorreu na Casa de Espiritualidade do Turcifal, este ano pregado pelo Padre Filipe Santos, Vice-Reitor do Seminário Menor de Penafirme, que se centrou na figura de São Paulo. Propôs-nos que parássemos um pouco, nos deixássemos encontrar pelo Senhor, escutando-o e reconhecendo os sinais da Sua presença, tal como Paulo.

Na segunda-feira, dia nove, tivemos o privilégio de acolher em casa o Professor César Izquierdo, que ao serão nos falou um pouco sobre o panorama actual da Teologia, referindo que após um longo período de "rasgar caminho", a Teologia se pode caracterizar hoje mais como de consolidação, de "perenidade", nesta época em que a Igreja está carente de uma apologética consistente.

Sob o tema "contemplar o rosto de Jesus" o Padre João Marcos apresentou, durante a Quaresma, duas pequenas exposições que nos levaram a olhar e a descobrir o sentido mais profundo de algumas obras-primas da arte europeia – a "Transfiguração", de Rafael, e "A Caminho do Calvário", de Jerónimo Bosch, destacando pormenores das pinturas originais.

As Quartas-feiras comunitárias de Março apresentaram uma grande diversidade de temas. Assim, no dia onze, um grupo de seminaristas apresentou a "Transfiguração" de Rafael usando um belíssimo texto de Damian Dombrovski. Dia dezoito, o Professor Matos Ferreira, numa verdadeira

lição de história, falou-nos sobre as tensas relações entre o Estado e a Igreja em Portugal, tentando perceber as raízes do laicismo e anticlericalismo republicano, através de uma leitura original desse conturbado período da história portuguesa, bem como das décadas subsequentes. Por fim, a quarta-feira dia vinte e cinco foi dedicada ao ciclo "Conhecer Algumas Realidades Eclesiais", com a apresentação do movimento Comunhão e Libertação pelo Padre João Seabra.

Março é também o mês de São José, pelo que no dia dezanove rumámos ao Seminário de São José de Caparide para celebrar com os nossos irmãos a festa do seu padroeiro.

Dia vinte e seis participámos activamente na "Páscoa das Universidades", este ano na igreja do Santíssimo Coração de Jesus em Lisboa. Antes da missa, o grupo de teatro do Seminário representou a peça "Há viagens que escolhemos e há viagens que nos escolhem", da autoria do Padre Tolentino Mendonça e encenada pelo Hugo Gonçalves.

Abril

No primeiro dia do mês vivemos em festa a instituição do Ivo, Rui Cantarilho, Marcos, Hugo Gonçalves, Tiago, Fernando Escola, Samuel Costa e António no Ministério de Leitor, e do Miguel e do Nuno no Ministério de Acólito. A Celebração, presidida pelo Senhor Patriarca, contou com a participação de numerosos padres, familiares e amigos dos seminaristas, que quiseram testemunhar a concretização deste seu passo em direcção ao Sacerdócio.

Entrámos, assim, na Semana Santa, em que celebrámos os Mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor junto das nossas Igrejas Locais: Lisboa, que acolhe Cabo Verde, Santarém e Funchal. Em Lisboa vivemo-los em profunda comunhão com o nosso Patriarca nas grandes celebrações litúrgicas na Sé Patriarcal, expressão da comunhão universal com o nosso Supremo Pastor, o Santo Padre Bento XVI, como exprimiu D. José Policarpo ao Senhor Núncio

Apostólico na saudação de Boas Festas após a Missa da Ressurreição.

Este tempo de alegria, pela vida nova que o Senhor nos concede em Cristo Ressuscitado, exprimiu-se de forma particular na Diocese do Funchal, no Sábado da Oitava da Páscoa, véspera da Festa da Divina Misericórdia, com a instituição do Óscar, Luís Lira e Ronald no Ministério de Leitor, e do Roberto no Ministério de Acólito.

E assim confiados nessa Misericórdia Infinita, fomos vivendo os dias felizes da Páscoa.